

**UNIVERSIDADE DO VALE DO SAPUCAÍ
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

RAFAEL HENRIQUE RODRIGUES

**CONTRIBUIÇÕES DE TOMÁS DE AQUINO PARA A EDUCAÇÃO:
um olhar da história cultural**

**POUSO ALEGRE- MG
2021**

RAFAEL HENRIQUE RODRIGUES

**CONTRIBUIÇÕES DE TOMÁS DE AQUINO PARA A EDUCAÇÃO:
um olhar da história cultural**

Dissertação apresentada à banca de defesa no Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Sapucaí (Univás), na Linha de Pesquisa “Formação do Profissional Docente, Práticas Educativas e Gestão da Educação” como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Rosimeire Aparecida Soares Borges

POUSO ALEGRE- MG

2021

RODRIGUES, Rafael Henrique.

Contribuições de Tomás de Aquino para a educação: um olhar da história cultural / Rafael Henrique Rodrigues; Orientação de Profa. Dra. Rosimeire Aparecida Soares Borges. – Pouso Alegre: 2021.

101 f.

Inclui bibliografias. f. 97

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Sapucaí – (UNIVÁS).

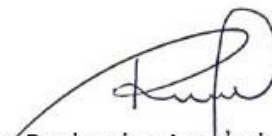
1. Tomás de Aquino. 2. Educação Brasileira. 3. Estado da Arte. I. Borges, Rosimeire Aparecida Soares (orient.). II. Universidade do Vale do Sapucaí – UNIVÁS. III. Contribuições de Tomás de Aquino para a educação: um olhar da história cultural.

CDD: 370.1

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Certificamos que a dissertação intitulada “CONTRIBUIÇÕES DE TOMÁS DE AQUINO PARA A EDUCAÇÃO: um olhar da história cultural” foi defendida, em 22 de fevereiro de 2021, por RAFAEL HENRIQUE RODRIGUES, aluno regularmente matriculado no Mestrado em Educação, sob o Registro Acadêmico nº 98014233, e aprovada pela Banca Examinadora composta por:


Recredenciamento pela Portaria MEC nº 1109 de 12/09/2012 - D.O.U. de 13/09/2012, nº 178, Seção 1, p. 106



Prof. Dra. Rosimeire Aparecida Soares Borges
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Orientadora



Prof. Dr. Daniel Santini Rodrigues
Faculdade Católica de Pouso Alegre – FACAPA
Examinador



Prof. Dr. Nelson Lambert de Andrade
Universidade do Vale do Sapucaí - UNIVÁS
Examinador

DEDICATÓRIA

*À Santíssima Virgem Maria Imaculada que,
por nos ter dado Jesus Cristo, deu-nos tudo.*

*Aos meus pais, Benedito e Maria Luiza,
exemplos de amor e dedicação.*

*Ao meu afilhado e sobrinho Davi,
minha alegria e presente de Deus.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela Sua presença em minha história e pela vontade em mim colocada de conhecê-Lo, amá-Lo e servi-Lo.

Aos meus pais, Benedito e Maria Luiza, exemplos de caridade, paciência e perseverança, por me ajudarem em minha caminhada pessoal e profissional, por me auxiliarem no processo de conquista do título de Mestre em Educação e, acima de tudo, por me educarem na fé e no amor a Jesus Cristo.

À minha avó, Maria Auxiliadora, à minha irmã, Larissa, ao meu cunhado, Leandro, e ao meu sobrinho, Davi, pelas orações e carinho.

A todos familiares e amigos, pelo encorajamento para a finalização desta pesquisa.

Aos meus colegas de Mestrado, obrigado pela constante parceria e troca de saberes. Aos professores e secretários do Mestrado em Educação, na pessoa da coordenadora Prof.^a Dra. Neide Pena, minha gratidão pelo zelo, pelo cuidado e pela atenção para comigo e todos os discentes. O Mestrado em Educação da Univás é bom por causa de cada um que compõe essa equipe.

À Prof.^a Dra. Rosimeire Aparecida Soares Borges, que se mostrou sempre uma excelente profissional docente e pesquisadora, pelo constante estímulo “vamos ser Mestre logo!”, pela serenidade e por toda competência, colocando-se à disposição sempre. Prof.^a Rosi ensinou-me a ser um aluno melhor, um professor melhor e ser humano melhor, uma vez mais, muito obrigado!

A todos vocês, gratidão *ad aeternum!*

*“A ciência requer a certeza do conhecimento;
de outro modo não é ciência, mas opinião ou crença.”*

Santo Tomás de Aquino

RODRIGUES, Rafael Henrique. **Contribuições de Tomás de Aquino para a educação**: um olhar da história cultural. 101 f. Dissertação (Mestrado em Educação), - Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, 2021.

RESUMO

A história cultural investiga como os vários modos de significação são construídos pelos diferentes grupos sociais, mostrando os pontos de seu entendimento e de que maneira se pode compreender uma realidade social diante das diversas cosmovisões sob a lente do tempo e do espaço. Nesse contexto, o objetivo desta pesquisa foi investigar as contribuições de Tomás de Aquino na área educacional considerando, como fonte essencial, a obra *De Magistro*. Como complemento, foram considerados artigos e dissertações, publicados entre os anos de 2006 e 2019, que abordam sobre Tomás de Aquino e a educação. Trata-se de um estudo qualitativo e bibliográfico, fundamentado na história cultural proposta por Chartier (1991) e na relevância dos documentos monumentos de Le Goff (1996). Chartier (1991) auxiliou compreender que a obra *De Magistro* de Tomás de Aquino reflete suas apropriações dos escritos e representações inscritas nos textos, majoritariamente, de Aristóteles, Santo Agostinho e Sagradas Escrituras. As análises mostraram que a obra *De Magistro* traduz o pensamento de Tomás de Aquino que vai ao encontro de tudo aquilo que se apresentava como novo, diálogo com o não congruente, compreensão e certeza pessoal de como se dava o ensino, os papéis do mestre e do aprendiz e a relação deles com as conclusões da ciência, o conhecimento. No olhar pedagógico de Tomás de Aquino, o aluno é sujeito na construção da própria aprendizagem, configurando-se, assim, como o agente principal na educação e o professor é o agente instrumental que auxilia o aluno na construção do conhecimento. Nesse cenário, o papel do mestre, que tem o conhecimento em ato, está articulado a uma proposta de educação para o aprendiz, que tem o conhecimento por descoberta, sendo o aluno o protagonista do processo educativo. Em suma, a dimensão histórico-cultural, dada nesta investigação à obra *De Magistro* de Tomás de Aquino, merece ainda atenção no âmbito da educação por parte dos pesquisadores e educadores, o que pode trazer benefícios em um momento em que a sociedade contemporânea enfrenta desafios em relação à formação dos alunos para uma vida mais humanizada. Nessa perspectiva, entende-se que oportunidades de investigação podem ser exploradas, como a releitura de outras obras desse filósofo, cujas apropriações podem contribuir para a construção de novas representações que, apropriadas, podem subsidiar o enfrentamento de desafios na educação para a humanização.

Palavras-Chave: Tomás de Aquino. Educação. *De Magistro*. História Cultural.

RODRIGUES, Rafael Henrique. **Thomás Aquinas contributions to education: a look at cultural history.** 101 pp. Dissertation (Master in Education) - Universidade do Vale do Sapucaí, Pouso Alegre, Minas Gerais, 2021.

ABSTRACT

The Cultural history investigates how various modes of meaning are constructed through different social groups, showing the points of their understanding and how it is possible to understand a social reality in the face of different worldviews under the lens of time and space. In this context, the objective of this research was to investigate the contributions of Tomás de Aquino in the educational field, taking into account, as an essential source, the work *De Magistro*. As a complement, articles and dissertations, published between the years 2006 and 2019, that address Tomás de Aquino and education were considered. This is a qualitative and bibliographic study, based on the cultural history proposed by Chartier (1991) and on the relevance of Le Goff's monuments documents (1996). Chartier (1991) helped to understand that the work *De Magistro* by Tomás de Aquino reflects his appropriations of the writings and representations inscribed in the texts, mainly, of Aristotle, Saint Augustine and Sacred Scriptures. The analyzes showed that the work *De Magistro* reflects the thought of Tomás de Aquino that meets everything that presented itself as new, dialogue with the non-congruent, understanding and personal certainty of how the teaching took place, the roles of the master and of the apprentice and their relationship with the conclusions of science, knowledge. In Tomás de Aquino's pedagogical view, a student is subject in the construction of his own learning, thus configuring himself as the main agent in education and the teacher is the instrumental agent that assists the student in the construction of knowledge. In this scenario, the role of the teacher, who has knowledge in action, is linked to a proposal for education for the apprentice, who has knowledge by discovery, with the student being the protagonist of the educational process. In short, the cultural historical dimension, given in this investigation the work *De Magistro* by Tomás de Aquino, still deserves attention in the field of education by researchers and educators, which can bring benefits at a time when contemporary society faces challenges in relation to the training of students for a more humanized life. In this perspective, it is understood that research opportunities can be explored as the reinterpretation of other works by this philosopher, whose appropriations can contribute to the construction of new representations that, if appropriate, can subsidize the confrontation of challenges in education for humanization.

Keywords: Tomás de Aquino. Education. *De Magistro*. The Cultural History.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 — Dissertações selecionadas para as análises	36
Quadro 2 — Artigos selecionados para as análises	36
Quadro 3 — Objetivos dos artigos e dissertações	37
Quadro 4 — Contribuições de Tomás de Aquino para a educação	51

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
GEPHET	Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação e Tecnologias
MG	Minas Gerais
SCIELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
UNIVÁS	Universidade do Vale do Sapucaí

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 MOTIVAÇÃO E RELEVÂNCIA DO ESTUDO	13
1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	15
2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS	18
2.1 HISTÓRIA CULTURAL	18
2.2 OS DIFERENTES TIPOS DE DOCUMENTOS PARA FAZER HISTÓRIA	24
3 CONTEXTO EM QUE VIVEU TOMÁS DE AQUINO E SUAS OBRAS	27
3.1 BAIXA IDADE MÉDIA E O SÉCULO XIII	27
3.2 DADOS BIOGRÁFICOS E PRODUÇÃO DE TOMÁS DE AQUINO.....	30
4 TRABALHOS RELACIONADOS: uma análise	35
4.1 INVESTIGAÇÕES SELECIONADAS: uma descrição.....	37
4.1.1 “Aspectos Educacionais da Obra de Santo Tomás de Aquino no contexto Escolástico-Universitário do Século XIII”	38
4.1.2 “O Educando como Protagonista na Filosofia da Educação de Tomás de Aquino”	41
4.1.3 “Tomás de Aquino: filosofia e pedagogia”	44
4.1.4 “Ensino e Formação de Hábitos: análise na história da educação”	45
4.1.5 “Breve Estudo de uma Perspectiva de Educação Medieval”	46
4.1.6 “Teologia e Direitos Humanos: um diálogo interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire na perspectiva da consciência”	47
4.1.7 “A Formação do Mestre no Século XIII: um estudo sobre a sindérese e a consciência no <i>De veritate</i> de Tomás de Aquino”	49
4.2 INVESTIGAÇÕES SELECIONADAS: contribuições de Aquino para a educação	50
5 A OBRA “DE MAGISTRO” SOB A LENTE DA HISTÓRIA CULTURAL	54
5.1 SOBRE O ARTIGO I DA OBRA <i>DE MAGISTRO</i>	55
5.1.1 Objecções e Respostas às Objeções no Artigo I, por Tomás de Aquino	57
5.2 SOBRE O ARTIGO II DA OBRA <i>DE MAGISTRO</i>	75
5.2.1 Objecções e Respostas às Objeções no Artigo II, por Tomás de Aquino	76
5.3 SOBRE OS ARTIGOS III E IV DA OBRA <i>DE MAGISTRO</i>	84
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS	97

1 INTRODUÇÃO

O debate sobre a história cultural é posto sob a visão de Chartier (2002), que a enxerga com o objetivo de investigar como os vários modos de significação são construídos, mostrando os pontos de seu entendimento e de que maneira se pode compreender uma realidade social diante de diversas cosmovisões sob a lente do tempo e do espaço. Para isso, os atributos mais notórios de um grupo social são classificações da maneira de construir padrões que demonstrem significados que possam ser descobertos e anunciar variantes da realidade que se pode apreender.

Fundamentada na história cultural, esta investigação teve por objetivo pesquisar as contribuições de Tomás de Aquino na área educacional. Filósofo e teólogo, Tomás de Aquino (1224/25-1274) foi um dos grandes pensadores do chamado período escolástico. Não tendo a pretensão de postular uma pedagogia própria, elaborou a sua concepção educacional em um texto denominado *De Magistro* ou *Sobre o ensino*, o qual foi eleito para ser apresentado e compor as análises neste estudo. Trata-se de uma obra que faz parte da série das *Questões disputadas sobre a verdade* (1256-1259), debatidas no primeiro período de docência de Tomás de Aquino, na Universidade de Paris¹.

A escolha desta obra se deu por Santo Tomás de Aquino ter se destacado como um notável filósofo da escolástica e, embora não tenha escrito expressamente sobre a educação, teve seu pensamento como uma influência decisiva na pedagogia católica desde a Idade Média (CAVALCANTE, 2006).

Além dessa obra, este estudo toma como fontes artigos e dissertações, publicados em língua portuguesa (2006-2019), que, de alguma forma, referem-se a Tomás de Aquino e à educação. Com o advento dos recentes estudos sobre esse período medieval, percebe-se que os desdobramentos acadêmicos levam a considerar a Idade Média marcada por grandes contribuições de pensadores, as quais se estendem até o momento contemporâneo. No entanto, segundo evidencia Batista (2010), embora Tomás de Aquino tenha deixado muitas contribuições no

¹ As “*Questões disputadas*” compreendem cinco escritos: *De veritate* (Sobre a verdade) (1256-1259), *De potentia* (Sobre a Potência) (1256-1262), *De malo* (Sobre o Mal) (1263-1268), *De anima* (Sobre a alma) (1269-1270), *De virtutibus* (Sobre as Virtudes) (1269-1270) (MONDIN, 1981, p. 171).

âmbito filosófico e teológico, o viés educacional de sua obra continua, muitas vezes, relegado a um plano secundário, o que justifica a relevância deste estudo, que pode contribuir para reflexões sobre suas contribuições para a educação e a formação humana.

1.1 MOTIVAÇÃO E RELEVÂNCIA DO ESTUDO

A escolha da temática desta investigação está relacionada aos acontecimentos de minha existência enquanto pessoa humana, na escola, sendo, no início, aluno e, agora, professor, ou seja, à minha trajetória de vida até aqui. Por isso, permito-me, num primeiro instante, falar em primeira pessoa, para descrever também o meu percorrer no caminho da educação².

Enquanto uma criança comum, quanto à vida profissional, eu pensei em ser tudo, jogador de futebol, astronauta e cientista. Terminado o Ensino Médio, eu tinha que, como qualquer outro jovem, escolher meu futuro. Primeiro, por ser um aluno dedicado na área de exatas, decidi-me pela Engenharia Mecânica, cursei dois períodos, mas tranquei essa graduação por pensar que eu poderia ser um Sacerdote Católico. Fui, então, admitido no Seminário Arquidiocesano Nossa Senhora Auxiliadora, em Pouso Alegre, Minas Gerais, onde, por quatro anos, refleti a respeito dessa escolha e decidi que a vida consagrada não seria para mim. Como parte dos estudos para a formação de um padre, cursei Filosofia (bacharelado), curso esse que me fascinou e me fez descobrir meu amor pelas Ciências Humanas e Sociais. E foi nesse período em que estive na faculdade de Filosofia, em que meu interesse pelo pensamento medieval emergiu, quando, em meu trabalho de conclusão de curso, discorri sobre o conceito de vontade³ em Santo Agostinho de Hipona⁴.

² Os primeiros parágrafos desta Introdução, os que se referem à vida profissional do autor deste estudo, foram escritos na primeira pessoa do singular. O restante do texto encontra-se escrito na terceira pessoa do singular, uma vez que se considera a contribuição de diversas investigações, aquelas que dizem respeito, direta ou indiretamente, ao tema discutido neste trabalho.

³ Para aprofundamento do conceito de vontade e da obra *De libero arbitrio* de Santo Agostinho de Hipona, sugere-se: RODRIGUES, R. H. O conceito de vontade em *De libero arbitrio*. 59f. Monografia (Bacharelado em Filosofia), FACAPA, Pouso Alegre, 2017.

⁴ Para aprofundamento da vida de Santo Agostinho de Hipona, sugere-se: AGOSTINHO. *Confissões*. 2. ed. Trad.: J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Col. Os Pensadores).

Assim, ao me ingressar, em março de 2019, no Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Sapucaí, com a finalidade de aprofundar meus conhecimentos em educação e me tornar um professor melhor, passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação e Tecnologias (GEPHET)⁵ do Mestrado em Educação (Univás). E, assim, minha pesquisa não poderia ter outro tema que não estivesse relacionado a um pensador do mundo medieval. Foi quando optei por estudar as ideias educacionais de Santo Tomás de Aquino e os indícios de suas possíveis contribuições para a educação atual.

Tomou-se como hipótese que Santo Tomás de Aquino, um clássico medieval, pode oferecer ao homem atual, do século XXI, elementos capazes de levá-lo à reflexão no campo educacional, em especial no papel de educador escolar e na constituição de suas práticas pedagógicas. Considerando os pressupostos apresentados, esta investigação coloca as seguintes questões norteadoras: as ideias educacionais propugnadas por Tomás de Aquino, em sua obra *De Magistro*, podem contribuir para a educação atual? Que contribuições de Tomás de Aquino para a educação atual estão postas nos estudos analisados?

Para responder a esses questionamentos, conforme já referido, este estudo teve por objetivo investigar as contribuições de Tomás de Aquino na área educacional. Como objetivos específicos, buscou-se discorrer sobre a vida e o pensamento educacional de Santo Tomás de Aquino; realizar um estudo de investigações que abordaram a proposta educacional de Tomás de Aquino e apresentar sua obra *De Magistro*, tomado como um documento resultante da “história, da época, e da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio” (LE GOFF, 1996, p.11).

⁵ O grupo desenvolve, nos diferentes níveis de ensino, estudos históricos da educação na perspectiva da História Cultural e investiga possibilidades e implicações do uso das tecnologias digitais de comunicação e informação (TDIC) em ambientes de ensino e de aprendizagem e sua relação com a formação inicial e continuada de professores. Aborda a diversidade de metodologias e práticas e modos de produzir significado em situações de ensino e aprendizagem em espaços formais e não formais (univas.edu.br).

Assim, pode-se dizer que a relevância desta pesquisa pode ser entendida para aqueles que investigam o mundo ao seu redor em busca de conhecimento, em busca de aperfeiçoar sua cosmovisão e analisar a realidade à sua volta; com o tempo, desenvolvem-se sistemas e métodos que fazem emergir o conhecimento do que as coisas são formadas e como as pessoas se comportam (GIL, 2007).

Gil (2007) menciona que, pela observação e pelos sentidos, o ser humano conhece o mundo exterior; pelas crenças religiosas, depara-se com aquilo que é transcendente; pelos romances e poemas, sabe sobre sentimentos e motivações do homem; pela autoridade, recebe o conhecimento como algo verdadeiro; também os filósofos, pelo raciocínio-especulativo, proporcionam um legítimo conhecimento do mundo; no entanto, essas formas de conhecimento não satisfazem, pois podem produzir algum erro por equívoco, por isso foi desenvolvida a ciência (GIL, 2007).

Assim, evidencia-se que essa pesquisa se torna relevante quando se observa que, ao investigar sobre as contribuições de Tomás de Aquino para a história, encontram-se muito mais questões filosóficas e teológicas do que aquelas que se relacionam com a educação. Ainda, essa obra analisa o pensamento de Aquino sobre a perspectiva da educação, a formação do aluno deve ser integral, ou seja, não propor apenas um estudo técnico, mas também um ensino que abarque a totalidade do ser humano; outrossim, o trabalho também apresenta a visão de Tomás de Aquino sobre o professor, que deve ter o conhecimento em ato, saber o que está ensinando, e também um instrumento que leve o aluno a contemplar a verdade.

1.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo é qualitativo e bibliográfico. Para Marconi e Lakatos (2002), a pesquisa inicia-se a partir de uma indagação cujo objetivo é procurar respostas que possam se somar à construção do conhecimento de um determinado problema (MARCONI; LAKATOS, 2002). Esta pesquisa é qualitativa. A investigação qualitativa, segundo Minayo (1994), dá importância àquilo que não pode ser quantificado, procurando lidar com o espaço de significados.

A pesquisa é também bibliográfica, que, de acordo com Marconi e Lakatos (2002), diz respeito a publicações como livros, monografias, teses, dentre outras. Como fonte deste estudo, foi escolhida a obra *De Magistro*, que é composta por quatro artigos, conforme detalhado posteriormente; no entanto, nesta investigação, serão analisados mais detalhadamente os dois primeiros artigos dessa obra, por serem mais próximos da educação, visto que o artigo III e artigo IV referem-se, especificamente, à educação em um plano de caráter mais religioso.

Optou-se ainda por apresentar alguns aspectos sobre a vida e a produção intelectual de Tomás de Aquino com base em estudiosos como Gilson (2001), Lauand (2012) e De Libera (1998). Além disso, realizou-se um estado do conhecimento com um panorama de investigações que, de algum modo, abordam sobre Tomás de Aquino e a Educação.

Segundo Ferreira (2002), o estado do conhecimento apresenta dois desafios, o de mapear e o de discutir uma produção acadêmica procurando mostrar as dimensões que se destacam em tempos e lugares diversos. Esse tipo de pesquisa tem em comum a escolha metodológica por se manifestar por estudos de levantamento e de avaliação do saber em relação a determinado objeto pesquisado. Dessa forma, os estudiosos estão constantemente motivados pelo desafio de saber o que já tem feito, de manifestar um conhecimento que se amplie e de anunciá-lo à comunidade. A importância deste estudo se dá por contribuir mostrando o que tem sido publicado na área e a uma disposição que facilita àqueles que estão empenhados em perceberem o crescimento das investigações na área, bem como suas peculiaridades e seus objetivos (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Além dessa introdução, esta pesquisa apresenta outras seções, que se somam em seis capítulos mais as referências. Na segunda seção, as considerações teóricas de Chartier (1991) e Le Goff (1996) ao refletirem, respectivamente, sobre a história cultural e os diferentes tipos de documentos para fazer história, sustentam esta investigação. A terceira seção apresenta a Baixa Idade Média, contexto histórico em que viveu Tomás de Aquino, e também seus dados biográficos, aqueles filósofos que o influenciaram e suas produções próprias. Na quarta seção, são apresentadas setes pesquisas, entre artigos e dissertações, que foram

selecionadas e descritas; cada uma dessas investigações traz suas análises sobre os escritos de Tomás de Aquino sobre a educação. A quinta seção apresenta a obra *De Magistro*, dividida em quatro artigos, que é analisada sob a lente da história cultural, de Chartier (1991). Na sexta e última seção, as considerações finais articulam os resultados das análises das investigações relacionadas e as análises da obra de Tomás de Aquino em relação às suas contribuições para a educação, além de outros aspectos.

2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

As reflexões produzidas nesta investigação foram baseadas em historiadores e teóricos da educação com o objetivo de reconhecer e analisar as contribuições de Tomás de Aquino para a educação, lidas em trabalhos de pesquisa já realizados no Brasil.

2.1 HISTÓRIA CULTURAL

Segundo Chartier (2002), na história cultural, as representações abordam interesses singulares dos grupos sociais, advindos de sua maneira particular de entender a sua realidade. Assim, deve-se respeitar tanto o discurso como propulsor do papel social que determinado meio atribuiu àquele que o narra quanto identificar esse discurso no contexto que se coloca e a posição de quem o emite. Para Chartier (2002), o poder e a dominação são disputados pelas representações sociais e as formas de apreender a realidade, que são objetos de investigação em uma área de desafios e isso deve ser considerado como algo relevante.

As sociedades podem ser decifradas por relacionamentos e inquietudes advindos de pontos singulares como um acontecimento, um relato ou algo mais específico; também pelo fato da produção das representações, em que indivíduos e grupos sociais dão uma nova (a própria) visão de mundo (CHARTIER, 1991). Assim, uma única realidade pode ser interpretada de diversas maneiras pelas diferentes elaborações de ideologias. Verifica-se, assim, que há uma inclinação a uma situação com estratégias de ordem política e social, em que um aspecto atual é posto em confronto por outros estatutos que desejam realizar mudanças ou, ainda, autenticar com os participantes do grupo os alicerces de sua independência (CHARTIER, 2002).

Para Chartier (2002), a estrutura ideológica é anunciada por discursos e ações diferenciadas e mostra indícios que definem determinado grupo social. Assim, nesta pesquisa, foram considerados os trabalhos já realizados relacionados às contribuições de Tomás de Aquino para a educação, que são aceitos no meio acadêmico e visam contribuir com a educação brasileira. Para Chartier (2002), a concordância do grupo é realizada por vários discursos e práticas dos grupos

sociais, e se verificam quando há ações que proporcionam a ética e a estética de sua materialidade das próprias formações de identidade, ajudando-as na combinação com saberes e práticas já vividos pelos grupos, emergindo suas discordâncias diante das demais ideologias concorrentes. Assim, o mundo social, que é o deles, é formado nesse contraditório contexto.

Ainda, para Chartier (2002), a história cultural do social possui um fim: que causas e formas de manifestações de leitura do mundo social sejam compreendidas, que defesas de uma ideologia sejam evidenciadas e a ela atribuída sua importância. Isso é colocado em contraponto com outros posicionamentos, mas atende sua percepção de como é essa ideologia e a visão de como deveria ser. Chartier (2002) salienta a necessidade de observar, como representativo de ideias, o todo das formas de manifestação cultural de um grupo, percebido como eixo para uma ordenação de conceito do mundo social e de sua realidade, na edificação da análise e explicação daquilo que é real.

A ideia de representação é enaltecida por Chartier (2002), que a relaciona a um ponto em que concorrem três vetores em modos de relacionamento com o mundo social, o primeiro se identifica como a ordenação e a demarcação sobre os quais as diferentes possibilidades de interpretações da realidade se materializam, assim como o entendimento de diversos grupos em situações de conflito; o segundo sobre formas e fatos que estão no contorno da identidade que explica os modos singulares de obter espaço e fixar relações, diante de processos de simbolização que são fundamentais para que o mundo real se comunique. Por fim, o terceiro e último vetor menciona os organismos formais instituídos com a finalidade de contribuir com aquilo que é necessário para a sociedade, que representantes do grupo possam anunciar evidentemente a maneira como um grupo se estabelece em sua vivência (CHARTIER, 2002).

Chartier (2002), analisando a leitura do mundo social como processo de um mundo real capturado e significado, evidencia que aborda conteúdos que a história cria e que permanecem com uma ordenação dos sentidos e das significações. Assim,

[...] deve ser levado em conta por toda história que postule como central a questão das modalidades contrastadas da construção do sentido. No espaço assim traçado se inscreve todo trabalho situado no cruzamento de uma história das práticas, social e historicamente diferenciadas, e de uma história das representações inscritas nos textos ou produzidas pelos indivíduos (CHARTIER, 1991, p. 179).

As consequências do sentido das formas materiais conduzem a concordar a centralidade no campo da história cultural aos conhecimentos mais cultos. Pois, aceita a descrição rigorosa dos dispositivos materiais e formais pelos quais os textos atingem seu público, esse conhecimento técnico, por vezes desprezado pela sociologia cultural, estabelece uma forma para a história das apropriações (CHARTIER, 1991).

Essa leitura do mundo real estabelece de que modo esses discursos, no contexto de demonstração textual ou imagética, realizam efeitos de sentidos para com o real a um específico grupo. Nesse sentido, tomando por base Chartier (2002), serão analisadas pesquisas de estudiosos sobre contribuições de Tomás de Aquino para a educação, expressas na obra *De Magistro*.

A obra *De Magistro* apresenta-se como um texto particular e voltada a um vasto público e, conforme Chartier (1991), a atenção de um texto é voltada ao mundo do leitor, levando em conta que as dinâmicas e significações diferentes de um texto dependem dos modos como são lidos ou ouvidos por seu público. Chartier (2002) diz que é importante haver uma reflexão acerca do ato de leitura feito por circunstâncias sociais locais (movimentos, costumes) que o definem, diferenciando dos outros grupos de leitores e suas respectivas convenções, e a identidade de catálogos díspares. Isso evidencia que as formas de leitura são heterogêneas, e que a unidade se insere aos contextos daquelas comunidades de leitores. Chartier (2002) afirma ainda ser de suma importância levar em consideração os conceitos que servem como base para as estruturas de catalogação e de percepção como verdadeiras instituições sociais, juntando os diferentes segmentos que compõem o social como norma de representação do geral. As representações coletivas também são as que geram procedimento que fundamenta o mundo social e apenas se revestem de veracidade, na medida em que processam ações. Dessa maneira,

[...] uma história da leitura não se pode limitar unicamente à genealogia de nossos modos de ler, em silêncio e com os olhos, mas tem a tarefa de redescobrir os gestos esquecidos, os hábitos desaparecidos. A questão é de importância, pois não revela somente a distante estranheza de práticas por longo tempo comuns, mas também os agenciamentos específicos de textos compostos para os usos que não são os de seus leitores de hoje (CHARTIER, 1991, p. 180).

Segundo Chartier (2002), o relacionamento dos muitos grupos que integram a sociedade e permanecem com o mundo real é objeto do conceito de representação social. As diversas possibilidades de leitura daquilo que é real, os métodos para a realização da representação social abordam, primeiro, a categorização e a escolha do contexto; segundo, a emersão de ações que são essenciais para que se identifique o modo único do ser; e terceiro, as autoridades legítimas (singulares ou não) que afirmam, contundentemente, a existência da coletividade.

Sobre o processo de construção das identidades sociais, Chartier (2002) menciona que dois modos de apreensão estão engendrados, o primeiro defende que a edificação das identidades sociais se faz numa situação inquieta, aqueles que usufruem de primazia determinam não apenas as categorizações, mas também as nomeações e as definições, resultando na oposição ou não em relação ao que o próprio grupo coletivo entende sobre ele, a outra, a segunda apreensão, defende que o coletivo em foco, por meio da unidade, justifica a representação que fez de si mesma, e propõe sua existência reconhecida.

Para Chartier (2002), a hierarquia de uma organização social produz os choques de representação e, assim, ao estudar esses choques sob a ótica da história cultural, requer o anúncio de ações para com a definição de posições e limites de relações, que mostram os perfis excepcionais da identidade do grupo coletivo em questão. Por um outro modo, acontece a pesquisa sob a ótica da história social que se volta apenas à prova baseada nas lutas políticas e econômicas.

Procurar transpor a clivagem faz refletir os esquemas geradores dos sistemas de classificação e de percepção como “instituições sociais” verdadeiras, integrando sob o modo de representações coletivas como as principais práticas que constroem o próprio mundo social. A conceituação de “representação coletiva” autoriza a articular três modos de relação com o mundo social: primeiro, o trabalho

de classificação e divisão que faz múltiplos arranjos intelectuais pelas quais a realidade é diversamente formada pelos diferentes grupos que somam a uma sociedade; segundo, as práticas que pretendem fazer com que uma identidade social seja reconhecida, mostrando uma singularidade na forma de se apresentar ao mundo, a dar significado simbólico, um estatuto e uma posição; terceiro, as formas institucionalizadas e objetivadas em relação ao representado faz, objetivamente, a existência de um grupo, uma comunidade ou uma classe (CHARTIER, 1991).

Uma dupla via abre-se assim: uma que pensa a construção das identidades sociais como resultando sempre de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear e a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma; outra que considera o recorte social objetivado como a tradução do crédito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, logo a sua capacidade de fazer reconhecer sua existência a partir de uma demonstração de unidade (CHARTIER, 1991, p. 182-183).

A história cultural, ao tratar a respeito das lutas de representação, de que se fala sobre o ordenamento, pela questão da própria hierarquização da estrutura social, divide-se de uma subordinação rigorosa de uma história social que se preocupa, de modo único, a pesquisar lutas econômicas, mas faz também uma menção sobre o social, pois objetiva a favor das estratégias simbólicas que realizam posições e associações e que elaboram, para determinado tipo, meio ou agremiação, um ser-percebido peculiar de sua identidade (CHARTIER, 1991).

Os dispositivos formais, materiais ou textuais detêm, em suas estruturas, as competências e expectativas do público leitor, e se organizam com base em uma representação da diferenciação social, “ao inscrever o texto numa matriz cultural que não é a dos destinatários primeiros e a permitir, assim, uma pluralidade de apropriações”, sendo que a transformação das formas em que um texto se estrutura pode levá-lo a atingir novos públicos e seu uso é inovado (CHARTIER, 1991, p. 186). A simples posse de um livro determinava uma superioridade cultural; no entanto, são os usos desses livros e sua materialidade que vão determinar sua função, que é atingir o leitor (CHARTIER, 1991).

A primeira significação de representação mostra as alternâncias de um objeto não atual por uma alheação que se apropria para o refazer na memória. Mas, com diz Chartier (2002), a representação pode oferecer conceitos que não tenham uma atitude existencial real, passando a ser um tipo de instrumento para manipulação. Assim percebido, a representação ocasiona um apreço, mudada numa forma de submissão que se faz à medida que elementos do grupo percebam como verdadeira e clara a situação de representação por pessoas ou instituições às quais qual estão sujeitos. Dessa forma, entendeu-se de relevância para a educação estudar sobre as representações de estudos já realizados no Brasil que se referem às contribuições de Tomás de Aquino para a educação, um ponto que pode considerado essencial para pesquisas com base na história cultural.

As clivagens culturais estão dispostas de acordo com uma divisão social já construída. Dessa maneira, inicialmente, é necessário estudar o contexto social “em que circulam um *corpus* de textos, uma classe de impressos, uma produção, ou uma norma cultural” (CHARTIER, 1991, p. 180). Deve-se, pois, entender como os mesmos textos podem ser manipulados, apreendidos e assimilados. Assim sendo, aos estudar um texto, não se pode considerar somente os modos de ler, mas admitir gestos e hábitos esquecidos, visto que é relevante conhecer práticas comuns por longo período de tempo e como esses textos foram agenciados para os seus usos que não são os de hoje (CHARTIER, 1991).

Para Chartier (2002), o estudo mais preciso pode dar origem a um caminho de reconhecimentos dos desvios que ocorrem nas contraposições mais oficiais. Assim, o pesquisador deve se ater aos instrumentos formais, ou seja, tudo aquilo que pode se juntar em uma unidade própria para a qualificação que o grupo social deve desenvolver ao organizar uma representação das divergências sociais. Quando se tem as diferenciações culturais como consequências, pode-se afirmar a transformação das formas, em que obras podem ser usadas por outros grupos com outros objetivos. Por outro lado, os bens culturais, quando utilizados pelos diversos grupos que formam aquilo que é social, fazem com que a busca por diferenciações demostre os desvios.

2.2 OS DIFERENTES TIPOS DE DOCUMENTOS PARA FAZER HISTÓRIA

O começo das alterações, na ação do historiador, deu-se em 1929, quando a revista “*Annales d’Histoire Économique et Sociale*” foi criada, sendo que o presente é marcado também pelo passado, em seus traços, e deixa daquilo que é considerado como um fato histórico. Le Goff (1992), em sua análise, afirma que a história é baseada em dois materiais da memória que formam os objetos a serem estudados e que demonstram que há uma intenção, cujos documentos (escolha do historiador) e monumentos (herança do passado) transformam-se nela. Diz ainda o autor, a sobrevivência da história se dá não pela união do que, de fato, existiu, mas pelas escolhas daqueles que comandam o tempo do mundo e dos homens e também daqueles que se ocupam de investigar o passado (os historiadores) (LE GOFF, 1992).

Ainda, Le Goff (1992) entende documento como o produto de um processo feito pela sociedade que, dentro de relações de poder, resulta na não consideração como aquilo que é próprio do passado. E de acordo com esse autor, abordá-lo como monumento possibilita à memória da sociedade reavê-lo e ao pesquisador, servindo-se de métodos da ciência, o entendimento das circunstâncias que se relacionam ao seu resultado e utilidade (LE GOFF, 1992).

O entendimento de documento/monumento não é edificado, de modo isolado, pela revolução documental. Mas, a concepção do significado verdadeiro e o conceito esclarecido de documento/monumento foram proibitivos a tê-los como um simples anexo à tradicional historiografia e ao afastamento do pesquisador de sua responsabilidade, a análise crítica do objeto que propôs para ser estudado, tendo-o como monumento. Dessa forma, neste estudo, tomou-se como monumento a obra *De Magistro*, de autoria de Tomás de Aquino, para compreensão de como as representações construídas por pesquisadoras sobre suas obras continuam sendo disseminadas e apropriadas por outros pesquisadores.

Sob a ótica da história cultural, a história atua na transformação de documentos em monumentos, possibilitando ao historiador se deter de parte de informações, as quais irá "isolar, reagrupar, tomar pertinentes, colocar em relação, constituir em conjunto", modelando-as para submetê-las à interpretação. Assim, o

documento é a junção de componentes que "funcionam como um inconsciente cultural que assume um papel decisivo e intervêm para orientar uma apreensão, um conhecimento, uma apresentação", para que o historiador faça uma análise subjetiva às próprias condições de se produzir a história e a conclusão de acordo com sua intenção não consciente (LE GOFF, 1992, p. 548).

Para Le Goff (1992), as variáveis subjetivas que emergiam de posições do historiador, pela escolha subjetiva de um documento em relação a outros, identificam a intenção que orienta o trabalho do pesquisador⁶. Portanto, o documento é o resultado de ideias construídas em camadas da sociedade em determinado período histórico, mas o documento, ao ser escolhido e estudado, responde à intencionalidade de quem o pesquisa.

As conclusões dos documentos continuam, no tempo, elaborando sentidos, agindo visivelmente ou não. Essas características fazem do documento um monumento, impelindo o historiador à revelação de seus propósitos, pois não há passividade na elaboração do documento, ele é produto da história e da sociedade, mas também de épocas seguintes pelas quais o documento continuou vívido, ainda que manipulado; ele continua e precisa ser desmistificado de seu suposto significado, "o documento é monumento", produzido, pelo esforço social na história, determinada figura de si mesmo (LE GOFF, 1992, p. 548).

Para Le Goff (1992), a produção histórica utiliza de documentos escritos quando existem. Mas, pelo trabalho e habilidade da pesquisa do historiador, pode ser realizada sem os documentos escritos, pois pode ser utilizado tudo que se refere ao ser humano, às suas expressões e pensamentos, seus anseios e modo de observar a realidade. O historiador, na intenção de ampliar seu conhecimento na história cultural, depara-se com a reflexão sobre seu próprio conceito de documento. Retirando registros de um documento específico, respondendo às questões de cunho pessoal, formuladas a partir de sua subjetividade, também da realidade

⁶ A intervenção do historiador que escolhe o documento, extraíndo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que, pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos "neutra" do que a sua intervenção (LE GOFF, 1992, p. 472).

temporal que se insere, bem como confrontando suas reflexões, o historiador possui uma autoridade ao representar o documento escolhido, adentrando diante de seus próprios propósitos. Desta maneira, o documento é o resultado de uma articulação, intencional ou não, do meio social inserido no tempo e na história que foi produzido e reproduzido, constantemente pela sua utilidade ou por seu silêncio (LE GOFF, 1992).

O que modifica o documento em monumento é como o poder o utiliza. Também, não há um documento que seja proprietário de enunciados, verdadeiros ou falsos, que sejam absolutos. Essa afirmação deduz ao entendimento da necessidade, de quem faz a pesquisa, de ter atenção para superar proposições, diante de que qualquer documento e, ao mesmo tempo, verdadeiro e falso, diante de seu arranjo formado. Assim, o historiador deve, logo no início, observar as essências do documento. Ainda que ele sugira questões de ordem "econômica, social, jurídica, política, cultural, espiritual", o principal a ser analisado é que o documento-monumento é um meio do poder que o atesta e faz (LE GOFF, 1992).

Segundo Le Goff (1992), muitos são os modos de apontar um documento, mas, para que a alusão possa produzir efeito no fazer da história mais abrangente, é primordial unir o documento estudado a outros monumentos que formam o objeto de pesquisa; dessa forma, há valorização não só em seu poder de declaração, mas no contexto elaborado, assim gera um dispositivo cultural ímpar. Visto por outra percepção, o documento cresce, ultrapassando as imposições limítrofes das obras clássicas, e suportado na história quantitativa, transforma em informação, devendo ser visto e revisto como documento/ monumento para a ciência da história.

Considerando esses pressupostos teóricos, neste estudo, foi selecionada a obra *De Magistro* de autoria de Tomás de Aquino, como fonte de estudo, visto que foi foco de inúmeros trabalhos de investigação. No entanto, somente serão considerados aqueles trabalhos que analisaram as contribuições dessa obra na educação, não distanciando que a história cultural e a cultura escolar mostram elementos que passam de geração em geração. A escola e as obras produzidas no âmbito da educação refletem esses elementos culturais.

3 CONTEXTO EM QUE VIVEU TOMÁS DE AQUINO E SUAS OBRAS

Segundo Chartier (1991), a história cultural renunciou a qualificação de motivos, objetos ou práticas culturais com base na sociologia e ainda que a distribuição dos textos e seus usos em determinada sociedade não está organizada de acordo com as divisões sociais prévias em razão de diferenças econômicas. Desse modo, passou a admitir outras interpretações para refletir sobre as obras e sua relação com as práticas e o mundo social, considerando, portanto, a pluralidade de abordagens em uma sociedade, bem como os diversos usos de materiais ou códigos compartilhados nesses textos. É com esse olhar que esta seção aborda o contexto da Baixa Idade Média, período histórico em que Tomás de Aquino viveu e foi influenciado em suas ideologias, também serão apresentados seus escritos educacionais, na obra *De Magistro*.

3.1 BAIXA IDADE MÉDIA E O SÉCULO XIII

De acordo com Gilson (2001, p.652), Tomás de Aquino nasceu entre 1224 e 1225, na cidade de Aquino, no Castelo de Roccasecca, próximo ao conhecido mosteiro de Monte Cassino. Seus pais, Landolfo de Aquino e Teodora de Teate, eram aparentados com imperadores, senhores e chefes normandos (SOLIMEO, 2012). Disso – pelas linhas de nobreza herdadas –, pode-se constatar que Tomás de Aquino tenha recebido excelentes instrução e educação, ponto de partida para sua notória fama de inteligência e sabedoria.

Tomás de Aquino pertenceu a um contexto denominado Baixa Idade Média (1066-1453), último período medieval, observado como o nascimento da Modernidade. A Idade Média se apresenta como aquela em que se passou a construir parte da civilização ocidental; que possibilitou transformações sociais, políticas e econômicas que fizeram com que a Europa Moderna pudesse emergir (GODOI, 2013).

A transformação da Europa no século XIII se baseou em quatro fatores fundamentais: a criação das universidades, a preservação e o estudo dos escritos de Aristóteles, o encontro com a filosofia árabe e a criação das ordens mendicantes. Segundo Russell (1957, p. 50),

[...] no século XII, a Idade Média atingiu seu ponto culminante. A síntese que vinha sendo elaborada, pouco a pouco, desde a queda de Roma, se tornou tão completa quanto possível. [...] Os grandes homens do século XIII foram muito grandes: Inocêncio III, São Francisco, Frederico II e Tomás de Aquino são, de maneiras diferentes, os representantes de seus respectivos tipos. Verificaram-se, também, grandes realizações, não tão definitivamente associadas a grandes nomes: as catedrais góticas de França, a literatura romântica de Carlos Magno, Arthur e os Niebelungen, o princípio do governo constitucional na Carta Magna e na Câmara dos Comuns.

Dentre os fatores fundamentais para a transformação da Europa na época de Tomás de Aquino, destacam-se o surgimento e a consolidação das universidades. A partir do século XI até meados do século XIII, surgem as principais universidades da Europa, que formaram os grandes centros de conhecimento dessa época, atraindo estudantes do mundo todo. De acordo com Verger (2001, p. 189-190)

O surgimento das primeiras universidades, na virada dos séculos XII e XIII, é um momento capital da história cultural do Ocidente medieval [...]. Pode-se compreender que ela comportou, em relação à época precedente, elementos de continuidade e elementos de ruptura. Os primeiros devem ser buscados na localização urbana, no conteúdo dos ensinamentos, no papel social atribuído aos homens de saber. Os elementos de ruptura foram inicialmente de ordem institucional. Mesmo que se imponham aproximações entre o sistema universitário e outras formas contemporâneas de vida associativa e comunitária (confrarias, profissões, comunas), este sistema era, no entanto, no domínio das instituições educativas, totalmente novo e original, [...] o agrupamento dos mestres e/ou dos estudantes em comunidades autônomas reconhecidas e protegidas pelas mais altas autoridades leigas e religiosas daquele tempo, permitiu tanto progressos consideráveis no domínio dos métodos de trabalho intelectual e da difusão dos conhecimentos quanto uma inserção muito mais eficiente das pessoas de saber na sociedade da época.

Uma das características das universidades nascentes era a sua urbanidade, isto é, elas estavam centralizadas nos grandes centros urbanos, colaborando, assim, para a urbanização da Europa. Nesse contexto, também aparece uma novidade radical para a época, as chamadas ordens mendicantes, destacando-se os franciscanos e os dominicanos, que, paulatinamente, tomaram conta dos ensinamentos ministrados nas universidades.

De acordo com Pieper (1973), inúmeros mestres renomados das universidades medievais eram franciscanos, como São Boaventura; porém, a ciência não era a vocação primária dessa ordem, campo no qual se destacam os

dominicanos, especialmente as figuras de Alberto Magno e Tomás de Aquino, e foram justamente eles que contribuíram para o florescimento de mais uma novidade para a época, talvez a mais significativa de todas, a difusão do pensamento de Aristóteles. Segundo Lauand (2002), o pensamento aristotélico era visto pelos cristãos como algo completamente estranho e contrário à sua doutrina, parecia muito materialista em comparação ao espiritualismo platônico ao qual estavam acostumados.

Lauand (2002) menciona que o primeiro contato do ocidente com Aristóteles, não era propriamente com o filósofo, mas com os comentários feitos pelos árabes às suas obras, que consistia em um aristotelismo diferenciado do próprio pensador grego. Como se sabe, o ocidente era predominantemente cristão, e os textos aristotélicos, ao serem traduzidos, possibilitaram a entrada nos cenários acadêmicos, especialmente nas universidades europeias, o que, sem dúvida alguma, causou grande impacto na sociedade medieval.

Tomás de Aquino foi um grande representante na verdadeira batalha em harmonizar os textos de Aristóteles com o pensamento cristão. Ainda de acordo com Chesterton (2012, p. 62), a tarefa principal do Doctor Angelicus “era defender a fé contra o abuso de Aristóteles, e fez isso de modo ousado, apoiando o uso de Aristóteles”. Inegavelmente, o aristotelismo inaugurou um novo modo de se fazer filosofia, que, certamente, gerou reações diversas, tais como rejeição, acolhimento com reservas, ou, ainda, como um possível caminho para se chegar à verdade.

Tomás de Aquino reviveu, em grande parte, o pensamento aristotélico com a finalidade de nele buscar os elementos racionais que explicassem os principais aspectos da fé cristã. Enfim, fez da filosofia de Aristóteles um instrumento a serviço da religião católica, ao mesmo tempo que transformou essa filosofia numa síntese original (COTRIM, 2002). O método para conciliação, realizada por Tomás, consistiu primeiramente em encontrar quais teses eram realmente de Aristóteles e quais eram de seus comentadores, assim, “a volta ao texto original de Aristóteles como base literal para a interpretação das suas doutrinas foi uma preocupação constante de Alberto Magno e Tomás de Aquino, comentadores incansáveis do corpus aristotélico” (VAZ, 2012, p. 50).

Pode-se perceber que a recepção de Aristóteles pelo ocidente medieval não foi de forma pacífica. Suas teses ameaçaram o arcabouço da Cristandade e, por isso, foi duramente perseguido durante vários períodos. Porém, ao se estabelecer como pensamento predominante nas Universidades, paulatinamente, as teses de Aristóteles foram sendo compreendidas à luz da fé cristã. O plano de fundo de todo este conflito pode ser reduzido à questão da primazia da fé, em detrimento da razão. Com Tomás de Aquino, fé e razão se complementaram e puderam auxiliar no encontro da verdade. E a redescoberta dos textos aristotélicos foi de grande contributo para a construção dos pensamentos posteriores, inclusive os da contemporaneidade, ampliando, em muito, o horizonte da própria filosofia.

3.2 DADOS BIOGRÁFICOS E PRODUÇÃO DE TOMÁS DE AQUINO

Tomás de Aquino, em 1230, contava com seus cinco anos de idade, quando iniciou seus estudos, sob a orientação de seu parente e abade beneditino Sinebaldo, no Mosteiro de Monte Cassino. Aos dez anos, Tomás começa seus estudos em latim, aritmética e gramática; aos treze anos, depara-se com os escritos do Evangelho e das Epístolas de São Paulo; depois, conhece os escritos de São Gregório Magno, São Jerônimo e Santo Agostinho, aos quatorze ou quinze anos, Tomás é enviado ao conselho de Sinebaldo (SOLIMEO, 2012).

Em 1244, ingressou na ordem dominicana e, tempos depois, dirigiu-se a Paris, onde, em 1245, estudou na Faculdade de Teologia, cujo diretor era Alberto Magno. Em 1256, Aquino já lecionava em Paris e, de acordo com Gardeil (2013), escreveu as *Questões disputadas sobre a verdade*, e, precisamente, na questão de número 11, inseriu-se a disputa denominada *De Magistro*, que será mais analisada à frente. A universidade de Paris era o grande centro intelectual do ocidente, conforme explica Verger (2001, p.208)

Paris tornou-se, verdadeiramente, no século XIII, um foco maior de debate intelectual e de renovação das idéias. Centenas de jovens clérigos foram ali formados nas técnicas mais refinadas do trabalho intelectual, segundo métodos seguros. Evidentemente, este trabalho intelectual comportava regras às vezes rígidas, mas a qualidade do ensino universitário parisiense levou a se fazer progressos decisivos em direção à autonomia, para não se dizer, à profissionalização, da cultura erudita. A figura ainda um pouco vaga das pessoas de saber passou a estar associada a um tipo social bem preciso e excepcionalmente prestigioso, o doutor. Compreender-se que a

universidade de Paris tenha se tornada então um modelo que se procuraria imitar e reproduzir em toda a parte em que se fizesse sentir a aspiração a uma semelhante promoção da cultura.

Foi em Paris que Tomás de Aquino se tornou uma importante referência intelectual do período medieval. É importante ressaltar que sua vida foi devotada à defesa da fé e da cristandade, e nesse contexto é que adquire a sua devoção ao ensino e constrói o seu arcabouço intelectual, de modo especial, na tentativa de defender a fé das diversas heresias que surgiam constantemente naquele período. De acordo com Batista (2010, p. 90):

[...] o legado filosófico e teológico de Santo Tomás de Aquino é de uma riqueza *sui generis*. A sua grande habilidade intelectual, aliada à sua intensa laboriosidade como escritor, propiciou-lhe a autoria de uma erudita produção acadêmica que reunia, em seu bojo, as tradições filosóficas Greco-latinas com as tradições teológicas judaico-cristãs. Destarte, obteve como resultado uma das maiores sínteses já produzidas, no âmbito da civilização ocidental, entre a filosofia grega e a religião cristã, haja vista que a obra do Doutor Angélico representa, sobretudo para a cristandade, um dos seus grandes baluartes para a sua sustentação intelectual.

Com relação ao método que Tomás de Aquino utilizou para a elaboração de suas obras, de modo especial as questões disputadas, estabeleceram-se do seguinte modo: primeiro, afirmava-se ou negava-se uma tese; em um segundo momento, apresentava-se às autoridades que confirmavam e às que negavam a tese; em seguida, demonstrava-se a plausibilidade dos argumentos prós ou contra e, dessa forma, aceitava-se ou refutava-se a tese com a devida argumentação; mais tarde, este método receberia a alcunha de método escolástico. De Libera (1998, p. 374) explica que as questões disputadas são

[...] a verdadeira base do trabalho. É uma forma regular do ensino, de aprendizagem e de pesquisa, presidida pelo mestre, caracterizada por um método dialético que consiste em formular e examinar argumentos de razão e de autoridade que se opõem, em torno de um problema teórico ou prático, argumentos fornecidos pelos participantes, cabendo ao mestre encontrar uma solução doutrinal por um ato de determinação que o confirme na sua função magistral.

É neste contexto que nasce a questão disputada sobre a verdade, de número 11, obra intitulada *De Magistro*, que, de acordo com Lauand (2000, p.3), foi publicada entre 1257/1258. No que se refere a essa obra, é necessário afirmar que a concepção pedagógica de Tomás de Aquino está totalmente imbricada à sua concepção antropológica.

Neste sentido, Lauand (2012, p. 12) destaca que “no centro da filosofia da educação de Aquino, encontra-se a tese fundamental de sua antropologia: *anima forma corporis*, a profunda unidade, no homem, entre espírito e matéria”. Tal tese provinda de Aristóteles⁷ não era bem vista pelos mestres da época, pois ia contra a concepção cristã prevalente que propunha uma valorização da alma em detrimento do corpo. Ainda, no *De Magistro*, Tomás de Aquino pretendeu solucionar quatro questões: 1) Quem pode ensinar e ser chamado mestre? Ambos, Deus e o homem, ou apenas Deus?; 2) Alguém pode ser mestre de si mesmo?; 3) O homem pode ser ensinado por um anjo?; 4) Ensinar é um ato da vida ativa ou da vida contemplativa?

As questões colocadas apresentam algumas contribuições de Tomás de Aquino às práticas pedagógicas. Como ressalta Lauand (2001, p.21), a palavra educação não aparece nos escritos de Tomás de Aquino, mas pode-se sugerir que, para ele, é “deduzir o conhecimento em ato a partir da potência”. Isso quer dizer que todo educando tem a potencialidade de adquirir conhecimento, e o processo educacional deve fazer com que essa potencialidade se torne ato, isto é, se concretize. Ainda de acordo com Lauand (2001, p. 21), para Tomás de Aquino,

[...] ensinar é, pois, uma educação do ato; uma condução da potência ao ato que só o próprio aluno pode fazer. Tomás está distante de qualquer concepção do ensino como transmissão mecânica; o professor, tudo o que faz é en-signar (*insegnire*), apresentar sinais para que o aluno possa por si fazer a educação do ato de conhecimento, no sentido da sugestiva acumulação semântica que se preservou no castelhano: enseñar (ensinar/mostrar): o mestre mostra!

Sendo assim, o aluno é o protagonista do processo educacional. De acordo com o próprio Aquino (2002, p. 30-31), para a aquisição do conhecimento,

[...] preexistem em nós certas sementes de saber, que são os primeiros conceitos do intelecto, conhecidos ato contínuo mediante as espécies abstraídas das coisas sensíveis pela luz do intelecto agente: quer sejam complexas, como os primeiros princípios, ou não-complexas, como o caráter de ente, o caráter de uno e outros similares que o intelecto apreende de imediato. Ora, nestes princípios universais já estão de certo modo contidas, como em razões seminais, todas as suas consequências. E quando a mente é conduzida a conhecer em ato as consequências particulares que já antes e como que em potência estavam naqueles universais, diz-se que adquiriu conhecimento.

⁷ Aristóteles (384-322 a.C.) defendia a alma como forma do corpo, estabelecendo entre eles uma relação de interdependência, excluindo qualquer tipo de materialidade excessiva (OERTZEN, 2015).

Isso quer dizer que, de acordo com o pensamento tomásico, já existe no homem os princípios racionais que são a base de todo conhecimento. Para se adquirir conhecimento, basta que se mova tais princípios às coisas sensíveis que se deseja conhecer.

Além do *De Magistro*, Tomás de Aquino também publicou inúmeras outras obras de impacto para a sociedade medieval e que reverberam até a contemporaneidade. Dentre elas, destaca-se a *Suma Teológica*, que, embora tenha ficado inacabada, consiste em um conjunto de teses elaboradas por Aquino, conforme o método escolástico, que serviu de base para toda dogmática católica, e é considerada a sua obra mais importante. Esta obra possui três grandes partes; de forma sucinta, a primeira trata de Deus e de tudo o que é decorrente dele; a segunda trata do homem e de seu caminho para Deus por meio de suas ações; e a terceira trata de Jesus Cristo como sendo o mediador entre Deus e o homem.

Outra grande obra de Tomás de Aquino foi a *Suma contra os gentios*, que também é uma obra de caráter teológico, que auxiliou os missionários cristãos na evangelização dos povos, especialmente dos árabes.

A Summa contra gentilis é a segunda grande obra pessoal de Tomás, que a releu, modificou e corrigiu em várias ocasiões; Os três primeiros livros são consagrados às verdades acessíveis à razão humana: o que a razão pode conhecer de Deus (I), do ato criador e de seus efeitos (II), da providência e do governo divino (III); as verdades da fé cristã que ultrapassa o domínio do conhecimento natural constituem a matéria do quarto livro (mistério da Trindade e da Encarnação, sacramentos, fins últimos) (TORREL, 1999, p.388).

São inúmeras as obras escritas por Tomás de Aquino e, por isso, ele é uma verdadeira fonte do conhecimento medieval e seus escritos ainda são de extrema importância para a contemporaneidade. Conforme explica Chesterton (2012), Tomás de Aquino escreveu tantas obras que, reunidas, são capazes de afundar um navio ou capazes de guarnecer uma biblioteca inteira.

Após muitos anos dedicados à docência, à vida religiosa e à contemplação, Tomás de Aquino morre em 7 de março de 1274, com aproximadamente 49 anos, na abadia de Fossanova, na Itália.

Observa-se que Tomás de Aquino, influenciado pelas ideias de Aristóteles e refletindo o mundo social em que viveu, imprimiu suas ideias em diversas obras,

comunicando à sociedade de sua época e à posteridade as representações construídas com sua vivência. Nesse sentido, considerou-se, neste estudo, na área da educação, que seria de relevância analisar uma de suas obras produzida para a reflexão sobre a construção do conhecimento pelo homem, elegendo, assim, conforme já referido, a *De Magistro*.

Essa análise é fundamentada em Chartier (1991), que considera três tipos de organizações para a condução de seus trabalhos e reflexões metodológicas, quais sejam: o estudo crítico dos textos, a história dos livros e a análise das práticas que se apreendem dos bens simbólicos. Privilegia-se um desses polos, a história dos livros; destarte, a obra *De Magistro*, assim como outros livros, pode ter transformado as maneiras de sociabilidade, provocado reflexões e modificado relações de poder, pois, através de sua impressão, seu fluxo de leitura perdurou até a atualidade.

4 TRABALHOS RELACIONADOS: uma análise

Esta seção traz a descrição dos estudos selecionados como fontes com foco no que apresentam de forma sucinta. Posteriormente, esses estudos serão analisados comparativamente com a obra *De Magistro*, à luz da história cultural.

Dados esses pressupostos, esta pesquisa utilizou como base ferramentas digitais que pudessem proporcionar acesso ao Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior (CAPES) e à Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, fontes para elencar produções desse tipo, oriundas de trabalhos realizados nos Cursos de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em diversas universidades do Brasil. Há, para os pesquisadores, um encontro facilitado de teses, dissertações e de periódicos que advém da existência de bancos *online*, oriundos da utilização de tecnologias digitais (ROMANOWSKI; ENS, 2006).

Para a primeira busca, realizada no Catálogo, das investigações que tratam do tema das contribuições de Tomás de Aquino para a educação brasileira, foi utilizado o descritor “São Tomás” e retornaram 50 resultados. Inicialmente, foi feita a leitura dos títulos das teses ou dissertações (50) que retornaram. Ainda, depois, optou-se por uma seleção dos títulos relacionados ao ensino ou aquelas que tratam da educação, resultaram 5 (cinco) dissertações.

Foi feita uma segunda busca, essa na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), em que se utilizou o descritor “Tomás de Aquino” anexo ao campo “Título” e retornaram 62 resultados. Depois, realizou-se o mesmo tipo de seleção e resultaram 13 teses ou dissertações. Por fim, das 18 teses ou dissertações selecionadas, a partir da leitura de seus respectivos resumos, restaram apenas 2 dissertações que atendem aos objetivos deste estudo. O Quadro 1 mostra características desses trabalhos, como: autor (ano) e título.

Para complementar as pesquisas selecionadas nesta dissertação, artigos em periódicos científicos foram considerados como fonte de estudo. Para o levantamento desses artigos, realizou-se uma busca na base de dados Periódicos Capes, com o descritor “Tomás de Aquino Educação”, retornando 87 artigos. Na base Scielo, com esse mesmo descritor, retornaram 6 artigos. Por fim, em ambas

as buscas, realizou-se um filtro com a análise dos títulos e resumos e ficaram 5 artigos que se referem às ideias educacionais de Tomás de Aquino. O Quadro 2 evidencia características desses estudos, como: autor (ano) e título.

Quadro 1 — Dissertações selecionadas para as análises

Autor (Ano)	Títulos
Cavalcante (2006)	<i>Aspectos educacionais da obra de Santo Tomás de Aquino no contexto escolástico-universitário do século XIII</i>
Felici (2007)	<i>O educando como protagonista na filosofia da educação de Tomás de Aquino</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se também que esses 7 estudos têm frequência de publicação entre os anos de 2006 e 2019, sendo dois em 2012 e dois em 2019. A delimitação temporal mais ampla se deu pela escassez de estudos sobre a temática deste estudo.

Quadro 2 — Artigos selecionados para as análises

Autor (Ano)	Títulos
Lauand (2012)	<i>Tomás de Aquino: filosofia e pedagogia</i>
Oliveira e Boveto (2012)	<i>Ensino e formação de hábitos: análise na história da educação</i>
Moura (2013)	<i>Breve estudo de uma perspectiva de educação medieval</i>
Almeida (2019)	<i>Teologia e direitos humanos: um diálogo interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire na perspectiva da consciência</i>
Santin e Oliveira (2019)	<i>A formação do mestre no século XIII: um estudo sobre a sindérese e a consciência no De veritate de Tomás de Aquino</i>

Fonte: Elaborado pelo autor.

Esta pesquisa pode auxiliar os demais pesquisadores em relação às contribuições de Tomás de Aquino para a educação. Para Romanowski e Ens (2006), a importância do estado do conhecimento é auxiliar intensamente na construção significativa do conhecimento.

4.1 INVESTIGAÇÕES SELECIONADAS: uma descrição

A composição dos artigos e dissertações presentes nesta pesquisa integrou-se como fundamento, desde o início, para análises descritivas. Em primeiro momento, será lançado um olhar sobre os objetivos dessas publicações (Quadro 3).

Quadro 3 — Objetivos dos artigos e dissertações

Autor (Ano) Artigo/Dissertação	Objetivos
Cavalcante (2006) Dissertação	Investigar aspectos educacionais da obra de Santo Tomás de Aquino e, notadamente, os limites do mestre no interior dessa educação constituem o objetivo deste trabalho.
Felici (2007) Dissertação	O educando é causa principal, mas o professor tem aí também o seu importante papel, como se pode verificar no <i>De magistro</i> . A presente reflexão tem como objetivo a defesa dessa posição, que encontra boa base nos escritos de Tomás.
Lauand (2012) Artigo	Discutir a conexão ente filosofia e educação em Tomás de Aquino.
Oliveira e Boveto (2012) Artigo	Analisar o conceito de hábito sob a perspectiva da História da Educação, considerando, principalmente, as obras: <i>Ética a Nicômaco</i> de Aristóteles (384 – 322 a. C.); <i>De Magistro</i> e a questão 49 da I seção da II parte da <i>Suma Teológica</i> , ambos de Tomás de Aquino (1224 – 1274).
Moura (2013) Artigo	Analisar aspectos da filosofia da educação medieval a partir das contribuições de Santo Agostinho e Tomás de Aquino sobre o ensino.
Almeida (2019) Artigo	Refletir, de forma interdisciplinar, o tema da teologia e direitos humanos a partir dos dois pensadores: um teólogo italiano e um pedagogo brasileiro.
Santin e Oliveira (2019) Artigo	Demonstrar que Tomás de Aquino, teólogo dominicano do século XIII, concebe a formação do mestre a partir de um <i>corpus</i> teórico-didático que passa pelo conhecimento profundo da natureza humana e pelo compromisso com um determinado projeto de civilização.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Verifica-se que, ainda com objetivos diversos, as dissertações e os artigos analisados nesta pesquisa possuem um ponto em comum que influenciou esses autores em seus estudos: as observações dos aspectos educacionais do pensamento de Tomás de Aquino.

Dentre esses aspectos, são evidenciados, nos objetivos, aquilo que tange à docência, sobre o múnus do professor no processo da educação, conforme aponta Cavalcante (2006), que estudou aspectos educacionais da obra de Tomás de

Aquino e os limites do mestre na educação e Santin e Oliveira (2019), que investigaram a concepção de Tomás de Aquino sobre a formação do mestre. Já o estudo de Felici (2007) teve como objetivo a defesa da posição central do educando na educação, mas não menosprezando que o professor tem, também, seu importante papel.

Com um objetivo mais ampliado, os estudos de Oliveira e Boveto (2012) analisaram o conceito de hábito considerando a perspectiva da História da Educação, tendo três obra como fontes, dentre as quais *De Magistro*; já Moura (2013) analisou “aspectos da filosofia da educação medieval a partir das contribuições de Santo Agostinho e Tomás de Aquino sobre o ensino”; Lauand (2012) buscou discutir a conexão ente filosofia e educação em Tomás de Aquino e, por fim, Almeida (2019) objetivou refletir o tema da teologia e direitos humanos, de forma interdisciplinar, a partir dos dois pensadores: Tomás de Aquino e Paulo Freire

Na sequência, procedeu-se a uma descrição mais específica desses trabalhos relacionados a esta investigação, os quais participarão das análises da obra de Tomás de Aquino *De Magistro*. Em um primeiro momento, está descrito sobre as duas dissertações e, posteriormente, sobre os cinco artigos selecionados.

4.1.1 “Aspectos Educacionais da Obra de Santo Tomás de Aquino no contexto Escolástico-Universitário do Século XIII”

A dissertação de mestrado intitulada “Aspectos educacionais da obra de Santo Tomás de Aquino no contexto escolástico-universitário do século XIII”, de autoria de Tatyana Murer Cavalcante, defendida em 2006, investigou, nas obras de Tomás de Aquino, suas ideias para o campo educacional e qual seria o papel do professor diante do ensino. A autora descreveu o contexto histórico de Santo Tomás para compreensão do que influenciou seus pensamentos, realizou uma análise da educação do século XIII, enfatizando a Universidade de Paris. (CAVALCANTE, 2006).

Para pesquisar sobre o pensamento educacional de Tomás de Aquino e as devidas funções do professor dentro dos processos de ensino e de aprendizagem, Cavalcante (2006, p. 1) tomou que o contexto histórico, permeado de interesses,

estabelece a educação e, para isso, as obras do Aquinate exigem duas formas de abordagem:

“[...] investigar seus escritos, considerando suas matrizes teóricas; depois, confrontar esses escritos com os fatores históricos que os circunscrevem, conflitos que o cercam” e, também, “com interesses com os quais o autor se identifica e defende, para, finalmente, apreciá-lo em relação à proposta de modelo social na qual ele colabora”.

Cavalcante (2006) iniciou seus estudos sob uma inquietação no ensino, afirmando que determinadas pesquisas sobre a educação possuem preferências sobre as fontes analisadas, justificando a escolha. Assim, optaram por, no “primeiro capítulo, versar apenas sobre manuais, desconsiderando outras publicações”, considerando que esse tipo de fonte alcança maior número de estudantes “de Pedagogia, licenciaturas, curso normal superior e, até bem pouco tempo, dos cursos de magistério”. Em um balanço inicial, perceberam haver uma frágil produção do período em estudo, evidenciando aspectos trabalhados nos manuais selecionados, como descrições muito breves acerca do período medieval e verificação de como referem-se ao Aquinate e à Idade Média, privilegiando: “(1) periodização; (2) relações entre a educação medieval, a antiga e a moderna; (3) escolástica e universidade; e (4) Santo Tomás de Aquino e a obra *De Magistro*” (CAVALCANTE, 2006, p. 1-2).

Cavalcante (2006) também apresenta o contexto histórico vivido por Santo Tomás de Aquino, como a organização do estudo nas universidades e a escolástica, e analisa seus conflitos internos e credita à chamada Idade das Trevas, a Idade Média, como um período de produção intelectual elencando e analisando três obras de Tomás sobre a Educação, quais sejam: “Como a alma unida ao corpo conhece o que é corporal, que lhe é inferior” (*ST*, I^a, q. 84); “Se um homem pode ensinar a outro” (*ST*, I^a, q. 117, a. 1); e “Sobre o mestre” (*De veritate*, q. 11) (CAVALCANTE, 2006).

O estudo de Cavalcante (2006) mostra que os trabalhos realizados por Tomás de Aquino, na Idade Média, contribuem substancialmente para as épocas posteriores. Assim, expressa que historiadores e filósofos têm revisitado a Idade Média com a preocupação de “ultrapassar a dimensão negativa (vinculada ao

obscurantismo) e a positiva (inclinada para o modelo ideal, que não se pode mais atingir), buscando um olhar analítico e crítico para a sociedade medieval”.

Para Cavalcante (2006), tal preocupação faz iluminar a profusão de ocorrências da vida medieval. Nos manuais analisados, cujos temas são diversificados, abordando política, cultura, educação, economia, contradição, pode-se conhecer “elementos substanciais à cultura contemporânea, tais como, a valorização do indivíduo, a valorização da infância, o crescente interesse pela ciência, pela pesquisa, pelo ensino, isso para citar brevemente alguns aspectos superestruturais” (CAVALCANTE, 2006, p. 117).

Em paralelo, autores de manuais de história da educação, analisados no estudo de Cavalcante (2006), apreciaram essa produção cultural do mundo medieval e veem a Idade Média como um período que não solucionou seus próprios problemas históricos por não ter direcionado a si mesma uma autorreflexão. Assim, o mundo medieval contribuiu não para si, mas para iniciar uma produção intelectual na sociedade posterior, a moderna (CAVALCANTE, 2006).

Os autores dos manuais de história da educação [...] não exploram a posição média da escola tomasiana, mas apenas as posições opostas de ortodoxos (realistas) e de heterodoxos (nominalistas), pois aquela é a posição que, justamente, expressa a atualidade das condições conjunturais do medieval (CAVALCANTE, 2006, p. 117).

Esse estudo de Cavalcante (2006) mostra que as propostas de Tomás de Aquino ou qualquer outra da educação cristã não se inserem apenas ao mundo medieval, no ensino, a Igreja dirige milhares de escolas e institutos de educação. No Estado, em sua proposta laica, o ensino religioso é permitido às escolas públicas e privadas, as universidades recorrem, por vezes, na proposta da moral cristã e a sociedade, sob a fé, conduz a ciência e sua aplicabilidade (CAVALCANTE, 2006).

Por fim, Cavalcante (2006) conclui que Santo Tomás de Aquino enaltece o trabalho do aluno, assim como o do professor, no processo de ensino-aprendizagem, enfatiza o fim da proposta educacional do Aquinate a bem-aventurança, assim a autora diz que Tomás de Aquino foi o precursor, indiretamente, do ensino atual. Trabalhar com o processo educacional do “Sumo Doutor da Escolástica” é, no fim, seguir as palavras do professor e contribuir na

construção do conhecimento de cada pessoa humana, dando, ao homem da modernidade, respostas éticas e políticas (CAVALCANTE, 2006).

Cavalcante (2006) ressalta, portanto, que a educação humana deve considerar uma abordagem mais ampla, o aluno deve ser orientado a um processo maior, que possa contemplar, no indivíduo que aprende, suas capacidades não apenas teóricas dos objetos de estudo, mas, também, do ser cidadão, crítico diante de sua realidade e construtor de sua própria visão de mundo.

4.1.2 “O Educando como Protagonista na Filosofia da Educação de Tomás de Aquino”

A segunda descrição, cujo título é “O educando como protagonista na filosofia da educação de Tomás de Aquino”, consiste em uma pesquisa de autoria de Antônio Ilário Felici. Nessa dissertação, o autor aborda que o aluno é tratado na obra de Tomás de Aquino, a *De Magistro*, como o agente principal nos processos de ensino e de aprendizagem, por considerar o educando como motivo central do campo educativo, ou seja, o aluno é enaltecido nesse processo educacional, ainda que se encontre o papel do docente como necessário a toda essa proposta.

Segundo Felici (2007), a ideia de colocar o aluno como sujeito central de todo um projeto educacional não é uma proposta que nasceu na atualidade e remonta o período moderno da história, em que vários educadores se opuseram a uma “educação verbalista, de um humanismo clássico, centrada no mestre ou nas disciplinas, alheia ao mundo das ciências experimentais, que estavam entrando em cena, além de desvinculada da realidade”. O autor considera que, naquela época, já consideravam que a educação necessitava tomar outra direção frente a um mundo novo que emergia, e deveriam sofrer alterações não apenas os conteúdos de ensino, mas também entrarem em cena outras disciplinas experimentais e, assim,

[...] exigia-se uma mudança radicada num outro conceito educativo. A preocupação agora seria a de um deslocamento de acento, que era do mestre e das disciplinas para a atenção ao educando, que deveria agora pautar a nova tarefa dos educadores (FELICI, 2007, p. 9).

Nessa perspectiva do aluno como sujeito e objeto da educação, Felici (2007, p. 9) chama a atenção para as propostas das Escolas Nova e Renovada, esta, sob

moderação, e aquela, com excessos, que buscavam enaltecer a figura do aluno, disso e de muitos outros escritos sobre a educação, a valorização do educando é mantida direta ou indiretamente. Assim, em sua concepção, a educação só será verdadeiramente de excelência se o aluno for prioridade; sem isso, o fracasso será certo.

Para Felici (2007), deve-se conhecer o educando e tratá-lo como um ser capaz de se direcionar e se auto educar, manifestando sua maturidade. E, ainda que haja historiadores e teóricos da educação que não concordem com o estudante como parte integrante e primeira da educação, a obra *De Magistro*, de Tomás de Aquino, ressalta essa ideia, propondo que o educando, intelecto agente, seja a causa principal no processo de ensino e tudo diferente dele, como o professor, por exemplo, seja um complemento, como causa instrumental (FELICI, 2007).

Dessa percepção, o autor elenca duas questões para sua pesquisa: 1) qual a real necessidade de se recorrer a um teórico medieval para justificar as práticas pedagógicas dos dias de hoje?, 2) para a atualidade, não se deveria valer de propostas também atuais a uma causa?. Para esse autor, convicto de que o passado corrobora para o crescimento das coisas presentes, Tomás de Aquino pode também ser uma resposta para indagações na educação. A totalidade das ideias do Aquinate pode não orientar os pesquisadores hoje em dia, mas há propostas que podem ajudar. A partir disso, o autor inicia a reflexão sobre as ideias e práticas educativas de Tomás de Aquino (FELICI, 2007).

Disso, Felici (2007) elabora sua pesquisa em quatro capítulos, sendo o ponto de partida analisar o segundo capítulo da obra *De Magistro*. No primeiro capítulo, o autor descreve o século XII (primeiro período da escolástica) e reflete sobre teóricos como João Escoto Erígena, Santo Anselmo e Pedro Abelardo, cujos pensamentos serão desenvolvidos por Tomás de Aquino. Esse contexto oferecerá suporte para o século XIII.

No segundo capítulo desse seu estudo, Felici (2007) desenvolve sobre a escolástica, percorrendo sobre sua segunda parte (século XIII), contexto no qual viveu Tomás de Aquino. Evidencia a criação das universidades, o surgimento das ordens mendicantes e a influência de pensadores como Alexandre de Hales, São

Boaventura e Santo Alberto Magno, além de apresentar um grande leque da reflexão filosófica do Aquinate.

No terceiro capítulo, Felici (2007) trata do pensamento educacional de Tomás de Aquino e como esse pensamento pode contribuir para o cenário do ensino atual. Também há uma proposta ética com base no pensamento de Tomás, pois o autor, de uma forma sintética, apresenta o aspecto ético-político em seus mais variados pontos, extraindo conclusões com bases em elementos presentes na obra analisada. Nela, pode-se conhecer o posicionamento do autor, que foi capaz de manter seu distanciamento crítico e sua independência nesse contexto e, ainda, trata do perfil do educando como protagonista também em uma perspectiva ética (FELICI, 2007).

De acordo com Felici (2007), em *De Magistro*, Tomás de Aquino, ao abordar o intelecto agente, que é único de cada pessoa, confere ao aluno a capacidade de ser a causa principal dos processos de ensino e de aprendizagem e sua participação como sujeito agente na educação é evidenciada.

Revela Felici (2007) que a história do século XII e o próprio século vivido por Tomás, através de suas propostas filosóficas, também são base para sua teoria da educação. Aponta que Tomás de Aquino quer exaltar o intelecto agente capaz do conhecimento, mas sem desprezar o trabalho complementar do professor.

Tomás valorizou o educando representado por tal intelecto. Este é a causa principal do conhecimento, mas não é a única. Há também uma causa complementar e coadjuvante que é a causa instrumental, a ferramenta usada pelo artífice, sem a qual este não pode realizar o seu trabalho. As duas causas, que são causas eficientes trabalham juntas em qualquer empreendimento. Há aqui conclusões merecedoras de atenção. A primeira é que em vez de uma polarização entre educando e educador, a posição tomista assume uma posição de equilíbrio. Privilegia o papel do aprendiz, ao afirmar que o conhecimento por descoberta é mais excelente que o conhecimento que vem de fora, mas o vê completado com o do professor (FELICI, 2007, p.138).

Continuando, Felici (2007) compreende essa postura de Tomás de Aquino, considerando que, para ele, a produção do saber é coletiva mesmo que os achados sejam inéditos, pois as pessoas sempre se deparam com passos já marcados. E assim, para Tomás de Aquino, o professor representava aquele patrimônio que partilhava com os alunos em uma sala de aula, não de maneira abrupta como se o

estudante “fosse um depósito de informações” e o aprendizado se daria, “passando-se da potência para o ato, num processo de crescimento” (FELICI, 2007, p.139).

Do saber, emergido pela educação, Felici (2007) discorre ainda sobre o que Tomás de Aquino considerou, em sua obra, sobre o agir ético proporcionado pelo conhecimento, pois, para ele, a vontade segue o intelecto; por isso, é elencada a importância da educação, haja vista que a pessoa não ignorante se distancia do erro, pois, “muitas atitudes e comportamentos são mudados quando, indivíduos se esclarecem e tomam consciência das coisas” (FELICI, 2007, p. 140).

Finalizando, Felici (2007) considera que, no processo educativo, o Aquinate valoriza tanto a atividade do discípulo quanto a do mestre. Entretanto, que a proposta pedagógica de Tomás de Aquino e suas inferências remontam à sociedade medieval e têm como foco a bem-aventurança. Assim, considerou-se o Aquinate como um precursor da educação moderna, sendo um dos grandes sintetizadores do conhecimento humano, mesmo não se isentando de opções políticas e éticas daquela época.

4.1.3 “Tomás de Aquino: filosofia e pedagogia”

Nesta subseção, há a descrição dos artigos selecionados para análise neste estudo. O primeiro artigo, intitulado “Tomás de Aquino: filosofia e pedagogia”, de autoria de Jean Lauand, foi publicado na revista *Acta Scientiarum*, em 2012. Esse artigo aborda a possível relação entre a filosofia e a educação em Santo Tomás de Aquino. De modo a contribuir com a pedagogia atual, Lauand (2012) apresenta a antropologia tomasiana em três principais aspectos: 1) a valorização da matéria na composição do ser humano; 2) a prudência, enquanto virtude essencial; e 3) filosofia negativa. No início do artigo, Tomás de Aquino é apresentado como o mais célebre pensador medieval e sua produção filosófica é apontada como a que contribui diretamente para propostas pedagógicas.

Tratando de aspectos tomasianos, Lauand (2012) menciona que podem contribuir para a educação atual, primeiro, o homem como intrínseca união espírito-matéria. Observa-se que, para Tomás de Aquino, a religião cristã, num primeiro momento, negava o corpo como algo equiparado ou superior ao espírito, mas ele

esclareceu que o corpo é necessário ao homem, pois serve como caminho para chegar ao seu fim e que seria através do corpo que cada pessoa poderia adquirir virtudes e conhecimentos, sendo que as realidades espirituais só poderiam ser contempladas a partir da sensibilidade (LAUAND, 2012).

Sobre a Antropologia e a educação, Lauand (2012) explana que uma contribuição de Tomás de Aquino para a pedagogia é a primazia da virtude da prudência, e, primeiro, chama a atenção para o conceito de prudência, que deve ser entendida como o ato de decidir por aquilo que é certo, e tal decisão deve ser baseada, portanto, na realidade, no conhecimento pelo ser, e não em suposições ou achismos. Mais detalhadamente, esse autor afirma que:

O Tratado da Prudência de Tomás é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa e o caráter dramático da prudência se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há 'receitas' de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque - e esta é outra constante no Tratado - a prudência versa sobre ações contingentes, situadas no 'aqui e agora'. (LAUAND, 2012, p. 15).

A terceira contribuição que Lauand (2012) apresenta é a *prudencia* no pensamento negativo de Tomás; ou seja, pela negação das coisas ou de Deus, também pode-se chegar ao conhecimento do que o Criador é. Dessa maneira, o autor afirma que a *prudencia* mostra que cada pessoa se constitui como a protagonista de sua própria vida, para atingir a sua realização. São meios que não se pode determinar a priori e são pertencentes ao âmbito do contingente incerto de futuro. Dessa forma, a *prudencia* acompanha a necessária insegurança presente em toda vida humana, uma individualidade concreta.

4.1.4 “Ensino e Formação de Hábitos: análise na história da educação”

Neste artigo intitulado “Ensino e formação de hábitos: análise na história da educação”, de autoria de Terezinha Oliveira e Lais Boveto, tem como objetivo analisar o conceito de hábitos a partir da obra *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e das obras *De Magistro* e a questão 49 da I seção da II parte da *Suma Teológica*, ambos de Tomás de Aquino.

Oliveira e Boveto (2012, p. 156), ao afirmarem que “o profissional da pedagogia é aquele que se dedica a compreender a educação” mostram admitir que

o conhecimento histórico e os conceitos educacionais não devem ser desprezados e a pedagogia deve abraçar também o modo de agir, daí a necessidade de estudar o hábito. Evidenciam que, para Aristóteles, o hábito estaria relacionado com a política e com o bem comum. Sendo assim, “o hábito, desse modo, representa a ação intencionalmente executada e que, repetida, manifesta o comportamento” (OLIVEIRA; BOVETO, 2012, p. 158).

Oliveira e Boveto (2012) ainda mencionam que, para Tomás de Aquino, na Suma, a relação hábito e agir do homem seria o que direciona a ação humana para o bem ou para o mal, assim, bons hábitos são compatíveis com a natureza do ser humano, ou seja, ou se tem um hábito para o bem ou para o mal (OLIVEIRA; BOVETO, 2012). Já no campo educacional, em *De magistro*, Tomás de Aquino coloca o hábito num nível primário,

[...] se dificilmente nos livramos deles, é necessária uma atenção especial aos hábitos que estamos ensinando às crianças. Assim, Tomás de Aquino buscava desenvolver um conhecimento das ‘coisas’ humanas e analisava a formação total do sujeito, observando-o tanto como ser material quanto espiritual (OLIVEIRA; BOVETO, 2012, p. 171).

Em Aristóteles, as circunstâncias ensinam a pessoa agir, as decisões devem ser tomadas com base na política e no bem comum. Em Tomás de Aquino, o hábito se consolida na vida da pessoa como uma qualidade estável. Oliveira e Boveto (2012) concluem que o conhecimento advém do hábito e permite que cada pessoa cumpra bem seu papel diante do coletivo, uma vez que o aprendizado individual gera consequência social; por isso, o professor deve focar aquilo que ensina e promover o bem, buscar ensinar os conteúdos, mas também refletir sobre a maneira como se educa.

4.1.5 “Breve Estudo de uma Perspectiva de Educação Medieval”

O artigo de autoria de Rosana Silva de Moura, intitulado “Breve estudo de uma perspectiva de educação medieval” tem como objetivo apresentar contribuições de Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino sobre o campo educacional. Moura (2013) acredita ser essencial a relação entre filosofia e história para o pensamento educacional desses medievais, pois isso auxilia no crescimento do homem no tempo e no espaço.

De acordo com Moura (2013), a formação da consciência, em Santo Agostinho, elucida algo mais voltado à base da fé; para Tomás de Aquino, essa formação se orienta pela lógica de Aristóteles, na união entre fé e razão. Assim, o questionamento pela prática do ensino faz emergir uma tripla relação, a do professor com o aluno e com o conhecimento a ser adquirido.

Moura (2013) compreende que o ensino e a descoberta, para a Escolástica, possuem uma diferença de questão, mas tem um mesmo elemento de um mesmo ato. O ensino possui relação direta com o professor, agente externo, e a descoberta é da ordem subjetiva, ou seja, pertencente ao aluno. Portanto, a descoberta compete ao aluno propriamente e o ensino é conduzido, após transformação de potência em ato, pelo professor. De acordo com essa autora, com Tomás de Aquino, “a potência do conhecimento demanda o ato, a experiência mesma que se estrutura a partir da relação mestre-discípulo” (MOURA, 2013, p. 156). Dessa forma, a autora questiona se haveria, nessa colocação, um viés antropológico, e considera que

[...] há um sentido fortemente clássico à obra tendo em vista seu potencial de abrir-se, ou deixar sementes, para a posteridade justamente por não esconder o elemento comum da humanidade, razão pela qual seu uso na filosofia da educação orientada no diálogo com a história ainda tem legitimidade (MOURA, 2013, p. 156).

E confirma que compreende que a perspectiva filosófico-educacional de Tomás de Aquino se baseia na antropologia. Para a autora, em sua filosofia da educação, direcionava seus estudos na relação professor-aluno, proposta de sua época que anunciava o futuro da educação e demonstrava a importância do particular (aluno) em todo o processo.

4.1.6 “Teologia e Direitos Humanos: um diálogo interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire na perspectiva da consciência”

O artigo intitulado “Teologia e direitos humanos: um diálogo interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire na perspectiva da consciência”, de autoria de André Boccato Almeida, teve como objetivo uma reflexão sobre a teologia e os direitos humanos a partir de Tomás de Aquino e Paulo Freire, pois fizeram emergir importantes reflexões sobre a educação.

De acordo com Almeida (2019), no mundo moderno, cuja ética parece estar banalizada, esses dois teóricos impelem a olhar a educação como fonte de reflexão, pensamento e busca da verdade. Na proposta da educação, surge, para os direitos humanos, uma inspiração, a consciência. Para esse autor, Tomás de Aquino e Paulo Freire, pela ética, formaram suas opiniões sobre o ser humano, sendo que Tomás baseou-se nas sagradas escrituras e no aristotelismo e Paulo Freire baseou-se em sua percepção de educação e ensino para conscientizar as pessoas. Tomás, em seu contexto do surgimento das universidades, elencou a subjetividade para a compreensão, na obra *De Magistro*, em busca da verdade e Paulo Freire atribuía crítica a todo tipo de educação que resultava na desigualdade social. (ALMEIDA, 2019).

Almeida (2019) afirma que, sob a perspectiva do humanismo, a educação para Tomás de Aquino e Paulo Freire mostra valores que deveriam ser postos em discussão para estabelecer uma formação da subjetividade da consciência, e assim, “[...] educar é um ato propriamente humano, ético, empenhativo e em construção” (ALMEIDA, 2019, p. 91). Para Tomás, a ideia do ser, presente na filosofia, demonstra um jeito de entender o homem, a ética e a aprendizagem a partir da razão oriunda da metafísica e da natureza; mas, para Paulo Freire, parte da razão vinda da fenomenologia e da hermenêutica, na busca de entender as relações políticas e de poder que influenciam cada indivíduo (ALMEIDA, 2019).

Segundo palavras de Almeida (2019), tanto em Tomás de Aquino quanto em Paulo Freire, a formação da consciência encontra-se em estreita relação às visões que possuíam de ser humano, ética, educação e mundo. Desta maneira,

Para ambos, pensar de forma a reproduzir um *status quo* ou manter uma ideia não se sustenta. Em Tomás, com as questões disputadas, vislumbra-se um jovem teólogo e intelectual assumindo, com coragem e racional análise, as grandes controvérsias universitárias e sociais, exigindo uma síntese dialética. Em Freire, há a insistência em ensinar e educar a partir da realidade concreta do aluno, visando a lenta e gradual passagem de uma consciência ingênua ou mágica para uma visão crítica da realidade (ALMEIDA, 2019, p.92).

Assim, o autor nota que a subjetividade aparece no pensamento de Tomás de Aquino e no pensamento de Paulo Freire como sendo uma construção interior e exterior do ser humano na realidade em que se insere.

Desta maneira, com a verdade humana, a fé também requer a transformação da inteligência. Almeida (2019) finaliza afirmando que Tomás de Aquino e Paulo Freire são atuais porque, ao contrário do que se observa atualmente, eles não conduzem o ensino e a educação a uma inércia, mas a uma verdadeira e constante transformação pessoal e social, pois tanto Aquino quanto Freire buscam a formação da consciência de mundo que cada aluno deve desenvolver, assim sendo, o processo educacional é, antes de tudo, um processo de construção do indivíduo no mundo, a conscientização da realidade é o objeto da cidadania.

4.1.7 “A Formação do Mestre no Século XIII: um estudo sobre a sindérese e a consciência no *De veritate* de Tomás de Aquino”

O artigo intitulado “A formação do mestre no século XIII: um estudo sobre a sindérese e a consciência no *De veritate* de Tomás de Aquino”, de autoria de Rafael Henrique Santin e Terezinha Oliveira, teve como objetivo apresentar a ideia que Tomás de Aquino tem para a formação do profissional docente, no contexto do ocidente cristão. Trata-se de uma pesquisa fundamentada na História da Educação e na História Social e pretendeu mostrar a formação do professor para fomentar um projeto de civilização; por isso, considerou-se também a ética dentro dessa formação.

Foram analisadas as Questões 16 e 17 do *De veritate*, de Tomás de Aquino, obra utilizada por Tomás durante sua atuação como professor. Santin e Oliveira (2019, p. 3) com esse estudo, buscaram conhecer “as propostas de Tomás de Aquino para a formação do mestre no século XIII em obras que ele tenha produzido pela e para a atividade docente”, o que era a finalidade da obra *De Veritate* de sua autoria.

Para os autores, trata-se de uma obra que condensou “os resultados das lições proferidas pelo teólogo dominicano na Universidade de Paris” (SANTIN; OLIVEIRA, 2019, p. 4), direcionada aos alunos da Faculdade de Teologia, que se tornariam doutores em Teologia, e “que estavam em vias de se tornarem educadores – seja nas Universidades espalhadas pela Europa, seja como pregadores mendicantes ou religiosos responsáveis por alguma paróquia”. Assim,

a dedução era que “a sindérese e a consciência”, temáticas das Questões 16 e 17 do *De Veritate*, na perspectiva de Tomás de Aquino, eram conteúdos necessários para a formação desses educadores (SANTIN; OLIVEIRA, 2019, p. 4).

A partir do que demonstra Tomás de Aquino na referida obra, Santin e Oliveira (2019) consideram que era relevante que a sindérese e a consciência fossem contempladas na História da Educação, haja vista que indicam a formação do docente em estado permanente. Dever-se-ia levar em conta, ainda, que um educador, ou seja, um professor, necessitava preocupar-se em adquirir conhecimentos teóricos e práticos como meios para se alcançar a sabedoria.

Assim, para Santin e Oliveira (2019), a universidade medieval dita por Tomás de Aquino era a composição de professores qualificados para a teologia e ação política que davam às instituições bases para o crescimento pessoal e comunitário, na promoção das relações sociais. Finalizam afirmando que o docente deve-se comprometer com a ordem social das instituições de ensino, sem fazer com que o ego ou os interesses pessoais se sobressaiam sobre os demais. Destarte, o professor precisa ainda lembrar que a qualidade de seu ensino se faz não só dentro de classe, mas também com formação permanente em projetos sociais e com espírito coletivo.

4.2 INVESTIGAÇÕES SELECIONADAS: contribuições de Aquino para a educação

Esse levantamento de estudos relacionados à temática em questão possibilitou fazer algumas colocações. Para ampliar possibilidades de compreensão, foi elaborado o Quadro 4, que sintetiza o entendimento dos autores desses trabalhos sobre as contribuições de Tomás de Aquino para a educação.

Três estudos mesmo que com objetivos diferenciados apresentam como resultados a educação tendo por foco a formação do mestre ou professor, que são Cavalcante (2006), que apresenta como contribuições de Tomás de Aquino para a educação discutindo os limites do professor e seu papel no processo educativo, embora considere que o aprendiz necessita ser orientado pelo mestre considerando as influências da sociedade. Já Moura (2013) aponta que o pensamento de Tomás de Aquino fundamenta na relação do processo educativo que considera o mestre,

o aprendiz e o conhecimento, e que a construção do conhecimento ocorre com base na relação professor-aluno e ambos impulsionam esse movimento. O estudo de Santin e Oliveira (2019) apresenta como contribuições do pensamento de Tomás de Aquino à sabedoria como condição essencial para ser considerado mestre.

Quadro 4 — Contribuições de Tomás de Aquino para a educação

Autor (Ano) Artigo/ Dissertação	Contribuições de Tomás de Aquino para a educação
Cavalcante (2006) Dissertação	No entendimento desse autor, as contribuições de Tomás de Aquino para a educação foram no sentido das discussões sobre os limites do professor. E, ainda, Tomás de Aquino coloca seu foco na figura do mestre no processo educativo; no entanto, sua proposta pedagógica e as inferências que faz estão também relacionadas à sociedade daquela época. No entanto, considera que o aprendiz precisa seguir a orientação do mestre, a quem não deve ser atribuída uma autoridade. Dessa forma, a construção do conhecimento deve considerar a sociedade que influencia em aspectos éticos e políticos na educação.
Felici (2007) Dissertação	Na concepção desse autor, Tomás de Aquino considera o educando como causa principal da educação. Detentor do intelecto divino, o educando possui uma faculdade humana, que o possibilita aprender. Para esse autor, a importância do educando na aprendizagem, conforme considerada por Tomás de Aquino, fundamenta-se nas posições aristotélicas para considerar o intelecto agente, que torna possível a produção do conhecimento, as descobertas e as mudanças nos avanços científicos, conquistados para a humanidade. Assim, o educando está em uma posição de equilíbrio com o educador. No entanto, tem papel relevante quando se trata de descoberta, influenciado pelo conhecimento extrínseco compartilhado pelo professor. Ainda considera que a produção do saber é uma tarefa coletiva e que o aprendizado se dá passando da potência ao ato em um processo de crescimento, ou seja, em que o aluno é o protagonista da própria aprendizagem.
Lauand (2012) Artigo	Esse autor trata de três aspectos do pensamento tomasiano: “a valorização do mundo material; a afirmação da primazia da virtude da <i>prudencia</i> ; e sua perspectiva ‘negativa’ em filosofia”. Nesse sentido, considera que, para o educador, é interessante reconhecer que a competência e a habilidade da pessoa se fazem em um processo de construção em sua vida, e não por regras gerais de boas ações, pois a prudência está contida nas ações imanentes, da realidade humana.
Oliveira e Boveto (2012) Artigo	Essas autoras consideraram a teoria educacional, segundo Tomás de Aquino, tomando o conceito de hábito para discutir a formação integral humana, referindo-se a condutas, disposições e caráter. Dessa forma, a partir da aquisição de bons hábitos, ao ser ensinado a agir e pensar, o aprendiz desenvolve habilidades voltadas ao bem comum e ao conhecimento, que lhes possibilitam que cumpra seu papel na coletividade, visto que o aprendizado de um indivíduo repercute na sociedade.

Moura (2013) Artigo	Na percepção dessa autora, o pensamento de Tomás de Aquino traz um horizonte formativo na perspectiva de que o ensinar é a finalidade da educação, bem como a relação estabelecida entre os atores desse processo: “quem ensina, quem aprende e o que é aprendido (o conhecimento)”, e que essa perspectiva tomásica era bem além de seu tempo. Evidencia que não há incongruências entre ensino e descoberta, sendo que o ensino supõe a presença do professor como essencial nesse processo, aquele que “ativa a razão natural do aluno”; e a descoberta é complementar do ensino. Além disso, para Tomás de Aquino, a construção do conhecimento se dá a partir da relação professor-aluno, enquanto ambos impulsionam esse movimento.
Almeida (2019) Artigo	Para esse autor, Tomás propõe suas reflexões a partir de ideias e conceitos enquanto que, para Freire, suas reflexões são oriundas daquilo que se observa, das experiências pessoais de cada ser humano na sociedade. Sustenta que, tanto Tomás quanto Freire apostam na inteligência do indivíduo como auto construtor da própria subjetividade, por meio de sua capacidade interior para se abrir ao universo exterior no processo formativo. Dessa forma, o conhecimento só está em ato se a inteligência for assumida, não só pelo aluno, mas também pelo professor.
Santin e Oliveira (2019) Artigo	No entendimento desses autores, o pensamento de Tomás de Aquino reflete que deve haver uma condição essencial para ser considerado mestre, aquele que tem a sabedoria, ou seja, que detém um conjunto de conhecimentos teórico-práticos para se chegar a ela.

Fonte: Elaborado pelo autor

Felici (2007) expõe que Tomás de Aquino considera o educando como agente essencial na aprendizagem baseada no intelecto agente, estando o educando em equilíbrio com o educador; no entanto, é considerado como protagonista da própria aprendizagem. Também admitindo o papel do aprendiz na construção do conhecimento, segundo o pensamento de Tomás de Aquino, o estudo de Oliveira e Boveto (2012) tomou o conceito de hábito na discussão sobre a formação integral humana. Dessa maneira, evidenciaram que os bons hábitos proporcionam ao aprendiz desenvolver habilidades e o conhecimento para agir em sociedade.

Embora não tivesse o aluno e o docente como núcleo das discussões, o estudo de Lauand (2012) referiu-se a três aspectos do pensamento tomasiano, que são: a afirmação da primazia da virtude da *prudencia*, sua perspectiva ‘negativa’ em filosofia e a valorização do mundo material e, dessa forma, o educador necessita reconhecer que as competências e habilidades são construídas durante a vida em razão de a prudência ser inerente às ações humanas. Também com o foco

específico, Almeida (2019) discutiu sobre a inteligência do indivíduo segundo os pensamentos de Tomás de Aquino e Paulo Freire, chegando a um consenso de que ambos consideram a inteligência como auto construtora da subjetividade humana, que possibilita ao homem ter capacidade interior para observância do universo exterior em sua formação, e, dessa maneira, a construção do conhecimento só está em ato se professor e aluno assumirem a inteligência no processo educativo.

Como pode ser observado, o pensamento de Tomás de Aquino foi estudado sob várias lentes por esses autores, ora com o foco no aluno, ora no professor e na sociedade, e, outras vezes, mais específico, como na prudência, na sabedoria, na inteligência e na construção dos hábitos no processo de ensinar e aprender. As contribuições para a educação advindas de Tomás de Aquino, pelo viés desses estudos, mostram que precisam ser observadas na contemporaneidade, momento em que ainda persistem as discussões sobre como o aluno aprende e como o professor ensina.

5 A OBRA “*DE MAGISTRO*” SOB A LENTE DA HISTÓRIA CULTURAL

A obra *De Magistro* (Sobre o Mestre) está contida nas *Quaestiones disputatae de veritate, q. XI* (Questões disputadas sobre a verdade, q. XI). Para esta investigação, foi utilizada como fonte o livro *De Magistro*, que se acha dividido em duas partes, ambas com o mesmo título. A primeira diz respeito à obra de autoria de Santo Agostinho e a segunda aquela escrita por Santo Tomás de Aquino. Trata-se de uma versão bilíngue, latim-português, traduzida por Felipe Denardi.

A obra de Santo Agostinho foi escrita em 389 e a de Santo Tomás de Aquino em 1259, ou seja, encontram-se separadas por quase mil anos. Ambos se dedicam à busca pela resposta da seguinte questão: é possível que um homem possa ensinar outro homem? Aquino faz referências a Agostinho numa tentativa de justificar suas ideias. Talvez tenha sido uma das razões pelas quais os editores optaram por reunir esses dois autores, além de abordarem o mesmo assunto, inclusive com o mesmo título, Aquino faz menção a Agostinho em suas reflexões.

A obra *De Magistro*, de autoria de Santo Tomás de Aquino, é constituída por quatro Artigos, a saber: “Primeiro, se o homem pode ensinar e ser chamado de mestre, ou somente Deus”; “Segundo, se alguém pode ser chamado de mestre de si mesmo”; “Terceiro, se o homem pode ser ensinado pelos anjos”; “Quarto, se ensinar é um ato da vida ativa ou da contemplativa” (AQUINO, 2017, p.117).

Os Artigos, embora possuam objetivos diferentes para o início de seus escritos, tem uma natureza estrutural comum entre si. Após a apresentação do título do Artigo, é apresentada uma arguição para afirmar esse enunciado. Depois, há uma apresentação de suas “objeções”. Depois, apresenta-se a seção “em contrário”, cujos contra-argumentos também são expostos. Desse embate, resulta-se a seção denominada “solução”, que consiste em uma parte de sua obra em que faz uma interseção geral de todas as objeções e “em contrário”. O método utilizado por Tomás de Aquino, nessa obra *De Magistro*, que, denominado por método dialético, conforme define De Libera (1998), em toda sua obra, busca apresentar uma solução doutrinal para as objeções colocadas, cumprindo sua função magistral como pensador de sua época. Na sequência dos artigos de *De Magistro*, Tomás de

Aquino, em seção denominada “resposta às objeções”, apresenta seus argumentos respectivos a cada uma das objeções colocadas, encerrando cada um dos Artigos.

5.1 SOBRE O ARTIGO I DA OBRA *DE MAGISTRO*

No Artigo I, “Primeiro, se o homem pode ensinar e ser chamado de mestre, ou somente Deus”, é apresentada, logo após esse enunciado, uma arguição para afirmar esse Artigo “e parece que só Deus ensina, e que só Ele deve ser chamado de Mestre” (AQUINO, 2017, p. 117). Além disso, na sequência, são elencadas 18 objeções que concordam com o Artigo I, além da “solução”, “em contrário” e “resposta às objeções”.

Felici (2007, p.91) refere-se a esse Artigo I dessa obra de Tomás, chamando a atenção para o destaque dado ao papel daquele que aprende ao levar em conta a importância do indivíduo e a relevância da “relação com o Mestre Divino interior”. Para esse autor, esse pensamento de Tomás deixa a impressão de que “o ato de ensinar externo pelo ato humano chega a ser dispensável, uma vez que não se aprende por sinais, ou seja, através da palavra, mas pela verdade que se ensina interiormente”.

Cavalcante (2006), sobre o artigo I, compreende que Tomás de Aquino, ao responder todos os argumentos propostos no início, desenvolve reflexões e explicações, cujos argumentos discutem: se a principal causa do conhecimento é a luz interior, a descoberta, como forma de aprendizado, pode ser mais importante e, assim, o homem pode ensinar a si mesmo. Seja pela explicação de que o intelecto agente é o princípio da sabedoria (1º), que o conhecimento se dá, como certo, pelos princípios (2º), que Deus, ao conceder a luz racional ao homem, dá o julgamento das coisas (3º) ou comparações adversas, Tomás de Aquino chega à seguinte conclusão: o homem não pode ser mestre de si mesmo.

Para subsidiar as objeções colocadas, Tomás de Aquino, além de suas próprias reflexões, utiliza-se das Sagradas Escrituras e dos escritos de Santo Agostinho e de Boécio. De acordo com Cavalcante (2006), os estudos sobre Tomás de Aquino divergem em relação à sua aproximação com Santo Agostinho e Aristóteles, sendo que, para alguns deles, Tomás retoma e afirma princípios de

Santo Agostinho e, para outros, os princípios tomistas vêm reiterar a importância das características aristotélicas. Além disso, nota-se que Tomás de Aquino busca subsídio em textos bíblicos para suas objeções. Com base em Chartier (1991), pode-se dizer que Tomás de Aquino, para apresentar suas convicções, fundamenta esse artigo em diversas representações coletivas do próprio mundo social em que estava inserido, isso porque essas representações só consolidam na medida em que são apropriadas e influenciam os atos de determinado grupo social.

Mais especificamente, as objeções 1, 7, 9 e 16, do Artigo I, da obra *De Magistro*, são fundamentados na Bíblia e em versículos de Mateus, Paulo, João e Isaías, respectivamente, para afirmar sobre a propriedade de Deus para ser mestre e ensinar e que, assim, o homem não pode ensinar outro homem. Já as objeções 2, 5, 8, 10, 13 e 15 são norteadas por aquilo que outrora já havia sido ensinado por Santo Agostinho em relação a quem cabe ensinar. Na objeção 12, Tomás de Aquino se baseia em Boécio e as demais objeções desse Artigo I, quais sejam: 3, 4, 6, 14, 17 e 18 são reflexões construídas pelo próprio Tomás de Aquino, as quais tratam da não capacidade humana de ensinar outrem.

De maneira geral, essas objeções de Tomás de Aquino podem ser compreendidas como suas apropriações desses outros pensadores a que tinha acesso e, portanto, essas suas apropriações foram feitas a partir das representações desses grupos sociais, sob uma lente particular que ele tinha de entender a sua realidade. Sobre as objeções fundamentadas em Santo Agostinho, Cavalcante (2006) recorre a Larroyo (1974) para explicar que Tomás de Aquino, de mesmo modo que Santo Agostinho, admitiu ser Deus o verdadeiro mestre; no entanto, que existem ajudas exteriores para as aplicações dos princípios e deduções deles originadas, que consistem em obras humanas a partir de sua experiência. Para Chartier (1991), os discursos são propulsores de ideias e cumprem seu papel social em determinado meio e, assim, aquele que o narra, neste caso, Tomás de Aquino, pode dar indícios do contexto em que o produziu e de sua posição que apresentou à sociedade em sua obra.

A compreensão do pensamento de Tomás de Aquino em seu interesse pela pedagogia pode ser auxiliada pelo que Lauand (2012, p.12) evidencia, ao afirmar

que os três pontos presentes no pensamento de Tomás estão interligados em torno do conceito da Criação, isso porque, considerando o mundo uma criação divina, são essenciais ao homem o corpo e a matéria. E, assim, considera que o “ser corporal do homem em todas as suas dimensões” inclui “o conhecimento, a aprendizagem e a educação”.

5.1.1 Objeções e Respostas às Objeções no Artigo I, por Tomás de Aquino

Na Objeção 1, do Artigo I de *De Magistro*, Tomás de Aquino afirma que “parece que ser mestre e ensinar só é próprio de Deus” (AQUINO, 2017, p. 117). Essa afirmativa dá-se pautada nas Sagradas Escrituras, no Evangelho de Mateus, e Tomás de Aquino considera, num momento primeiro, que os homens não são chamados ao ensino.

Esse questionamento de como o ensino se dava, se o homem poderia ensinar ou somente Deus, segundo Felici (2007), não significa que Tomás de Aquino negasse o ensino, mas era uma forma de refletir como o ensino poderia ser entendido. Para Santin e Oliveira (2019), esses princípios e valores foram evidenciados por Tomás de Aquino para que subsidiassem, de maneira teórico-prática, a formação de mestres na universidade medieval.

Em resposta à objeção 1, Tomás de Aquino menciona:

[...] respondo dizendo que a ordem do Senhor para que seus discípulos não se fizessem chamar de mestre não pode ser entendida como uma proibição absoluta. A Glosa explicou como se deve compreender essa proibição: é-nos proibido chamar um homem de mestre de modo a atribuir-lhe o magistério principal, que a Deus pertence (AQUINO, 2017, p. 135).

Ao interpretar as ideias colocadas por Tomás de Aquino, segundo Chartier (1991), nota-se que ele se baseou nas Sagradas Escrituras, interpretando as representações colocadas historicamente pelos autores bíblicos. E, de acordo com sua apropriação, Deus é a verdade e o mestre, o que não o impediu de afirmar que também os homens poderiam ser mestres. Para Moura (2013, p. 151), Tomás de Aquino “reedita a figura do mestre, à luz das novas demandas da história. Uma tentativa de resposta ao ‘como?’ do aprender é dada na atualização da figura do mestre”. De acordo com esse autor, Aquino buscou atualizar o significado de mestre explorando sua universalidade.

Nesse contexto, Tomás de Aquino passa a referir sobre a construção do conhecimento e o ensino. Na Objeção 2, Tomás de Aquino apresenta que “ninguém pode transmitir a outrem o conhecimento de uma coisa e, portanto, não pode ensinar-lhe” (AQUINO, 2017, p. 119). Isso porque Aquino admite que a única possibilidade de um ser humano ensinar é através dos signos, mas esses mesmos signos não atingiriam o entendimento sobre qualquer objeto, pois a compreensão do objeto não é inferior ao signo.

Cavalcante (2006) refere-se à posição de Tomás de Aquino sobre a construção do conhecimento, que, na verdade está ligada àquilo que a própria natureza pode proporcionar aos seres humanos, que são as funções intelectuais, as quais possibilitam uma leitura da realidade e da instrução vinda daquele que ensina. Em resposta à objeção 2, Tomás de Aquino menciona:

[...] respondo que o conhecimento das coisas não se efetua em nós pelo conhecimento dos signos, mas pelo conhecimento de outras coisas mais certas, isto é, dos princípios, que nos são propostos por alguns signos e que são aplicados a aquilo que antes não conhecíamos totalmente, embora conhecêssemos segundo algum aspecto [...]. É o conhecimento dos princípios o que produz em nós a ciência das conclusões, e não o conhecimento dos signos (AQUINO, 2017, p. 135).

Observa-se que Tomás de Aquino, embora tenha baseado a objeção 2 em Santo Agostinho, também apresenta sua opinião em resposta ao que foi apresentado. Para ele, a construção do conhecimento ou da ciência ocorre não através dos signos, mas sim dos princípios e, trazendo para a educação, o aluno pode aprender estudando os princípios de um conceito mais que ouvindo o professor falar daquele conceito. Essa colocação de Tomás pode ser interpretada com Chartier (1991, p. 185), quando declara que a relação de representação pode ser perturbada pela imaginação, ao considerar “os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é”. Dessa maneira, a representação poderia ser um recurso para tornar os seres humanos submissos, mesmo que involuntariamente, o que pode ocorrer na educação.

Na objeção 3, ainda tratando dos signos, Tomás afirma “se o homem, para ensinar, não faz outra coisa senão propor signos, parece que um homem não pode ensinar outro homem” (AQUINO, 2017, p. 119). Entende-se que o autor quer dizer que não é possível o aprendizado somente por meio dos signos se o aprendente os

desconhece. No entanto, na resposta à essa objeção 3, Tomás de Aquino menciona:

[...] respondo que as coisas que nos são ensinadas por meio dos signos, em parte conhecemos, e em parte ignoramos [...] do mesmo modo, se nos ensinam alguma conclusão, é necessário que já saibamos o que são um sujeito e um predicado, bem como as premissas das quais se deduz a conclusão proposta. Toda aprendizagem se dá a partir de um conhecimento preexistente [...] portanto, a objeção não é válida (AQUINO, 2017, p. 135).

Essa resposta de Tomás mostra que ele chega à conclusão de que o aprendente, mesmo que desconheça sobre determinado assunto específico, possui conhecimentos preexistentes relacionados àquele assunto abordado, o que lhe possibilita aprender. Para Felici (2007), entre os signos, estão as palavras, que representam coisas, objetos, pessoas, dentre outros, que os indivíduos concebem mentalmente e, por meio delas, pode-se chegar ao conhecimento de outras palavras. Segundo Chartier (1991), os signos são representações construídas pelos indivíduos a partir de suas vivências em determinado grupo social, e, desta maneira, os diferentes grupos sociais podem ter diferentes entendimentos sobre determinado signo. Entretanto, essas representações vão sendo modificadas com as novas apropriações, e são estas que possibilitam as novas aprendizagens e as novas apropriações e representações.

Tomás de Aquino, na objeção 4, afirma que não são “os signos sensíveis, que parecem ser o único meio pelo qual o homem pode ensinar, não chegam até a parte intelectual, mas permanecem na potência sensitiva” (AQUINO, 2017, p. 119). Isso porque a ciência tem por fundamento o intelecto. Em repostas a essa objeção, Tomás de Aquino conclui que:

[...] dos signos sensíveis, que são recebidos na potência sensitiva, o intelecto capta as intenções inteligíveis, das quais se serve para, em si mesmo, produzir a ciência. Assim, a causa eficiente próxima da ciência não são os signos, mas a razão, que discorre dos princípios às conclusões (AQUINO, 2017, p. 137).

O entendimento dessas colocações de Tomás de Aquino pode vir ao considerar o que Chartier (1991) menciona ao tratar sobre signos, alerta que pode haver incompreensões em relação aos signos, isso porque compreender sobre uma representação depende do conhecimento preexistente, ou seja, das apropriações

que cada pessoa faz de um signo ou pelo fato de haver equívocos entre o signo e o seu significado. Trata, ainda, da manipulação que pode haver em relação aos signos quando utilizados para produzir ilusão, e não para fazer conhecer as coisas como elas são. Nesse sentido, na educação, entende-se que as informações sobre determinado conceito e o que ao aluno pensa sobre esse conceito são apenas princípios que, com os estudos, vão se transformar em conhecimentos construídos e assimilados pelo estudante, que pode, posteriormente, aplicar em diferentes situações.

Na objeção 5, Tomás de Aquino apresenta duas teses, se o conhecimento estaria ou não em quem aprende, se não, diz ele que não seria possível uma pessoa receber a ciência de outra; se sim, “então não poderia ser causada, pois não se faz o que já existe, ou estava como razão seminal” (AQUINO, 2017, p. 119). Essa objeção mostra uma hipótese com duas vertentes, se o aprendente tem o conhecimento sobre algum conceito, não poderia aprender e, se não, como poderia aprender. No entanto, em sua resposta à essa objeção, Tomás de Aquino menciona:

[...] respondo dizendo que a ciência preexista naquele que é ensinado, não em ato completo, mas como que em razões seminais, ao passo que as concepções universais, cujo conhecimento é inserto em nós por natureza, são como sementes de todas as coisas que conheceremos subsequentemente. Ainda que as razões seminais não passem ao ato por uma virtude criada, no sentido de serem infundidas por ela, aquilo que há nelas original e potencialmente pode passar ao ato pela ação de uma virtude criada (AQUINO, 2017, p. 137).

Entende-se que o aprendizado é considerado como a atualização de potências, ou seja, um processo contínuo de aperfeiçoamento e o agente principal é o próprio aprendiz (GODOI, 2013). Interpretando essa resposta, entende-se que, no pensamento de Aquino, o aprendente tem conhecimentos preexistentes sobre a ciência. À luz de Chartier (1991), o conhecimento, seja individual ou de um grupo social, é construído por influências recebidas do próprio grupo social, são resultados de uma relação entre as representações que cada grupo social produz de si mesmo e de outro modo, um recorte social objetivado considerando as representações que cada grupo estabelece para si mesmo.

Na objeção 6, Tomás de Aquino, ao afirmar o conhecimento como um acidente, diz que “o ensino não parece ser senão a transfusão da ciência do mestre para o discípulo, um homem não pode ensinar outro” (AQUINO, 2017, p. 121). Cavalcante (2006, p. 38) referiu-se a Peeters e Cooman (1952) para enaltecer a posição de Tomás de Aquino sobre essa transmissão do conhecimento. O educador não infunde a ciência ao aluno, mas este é auxiliado por aquele, o aluno. Ainda, ao ser o sujeito do conhecimento, pode recebê-lo por ação própria ou pela criatividade ou disciplina. Em resposta à objeção 6, Tomás de Aquino conclui que:

[...] não foi dito que aquele que ensina transfunde a ciência no discípulo, como se aquela mesma ciência que há no mestre fosse transmitida para o discípulo, mas sim que, através do ensino, produz-se no discípulo uma ciência semelhante à do mestre, trazida da potência ao ato (AQUINO, 2017, p. 137).

Analisar essa resposta de Aquino à luz de Chartier (1991), ao colocar que a ciência produzida no discípulo que aprende é semelhante à do mestre, leva à compreensão de que há uma apropriação segundo a interpretação do discípulo, consonante aos aspectos culturais que circundam sua vida. Na educação, pode-se entender análogo ao papel do professor, que é relevante na vida do aluno, isso porque exerce grande influência sobre o mesmo na construção de um conhecimento semelhante ao seu, não idêntico, pois o ensino não transfere conhecimento, e, sim, provoca e motiva a sua construção. De acordo com Cavalcante (2006, p. 38), para Aquino, “a causa principal do conhecimento é a atividade do aluno e a ciência pode ser adquirida de dois modos (invenção ou disciplina), mas em ambos quem a descobre é o aluno”.

Na objeção 7, pautada nas Sagradas Escrituras, Tomás de Aquino afirma que “a ciência é causada interiormente na mente, e não exteriormente no sentido. Logo, o homem só é ensinado por Deus, e não por outro homem” (AQUINO, 2017, p. 121). Em relação a essa objeção, em “resposta às objeções”, Tomás de Aquino menciona:

Assim como se diz que o médico produz saúde, embora apenas aja exteriormente ao passo que somente a natureza age interiormente, assim também se diz que o homem ensina a verdade, embora anuncie exteriormente ao passo que Deus a ensina interiormente (AQUINO, 2017, p. 137).

Ao analisar tanto a objeção quanto a resposta dada, pode-se entender que o indivíduo aprende com base nos conhecimentos individuais sedimentados no tempo de acordo com suas vivências e apropriações culturais. A própria história traz que Aquino era leitor de textos bíblicos e de Santo Agostinho e, de acordo com Chartier (1991), as leituras e a compreensão de um mesmo texto é diversa por quem aprende. Dessa forma, pode-se dizer que Aquino evidencia que cada ser humano aprende a seu modo.

Não diferenciando muito da objeção 7, na objeção 8, pautado em Agostinho, Tomás de Aquino afirma que “o homem não pode dizer que ensina a ciência, mas somente que predispõe a ela” (AQUINO, 2017, p. 121). Entende-se que, para Aquino, a aprendizagem dos indivíduos se dá de forma diferenciada e, assim, a ciência que ele ensina, ensina segundo seu entendimento e dedicação aos estudos sobre essa ciência já presente.

Esse entendimento vai ao encontro do que coloca na resposta à essa objeção 8, em “repostas às objeções”. Tomás de Aquino conclui “que Agostinho, ao provar, em sua obra Sobre o Mestre, que somente Deus ensina, não pretende negar que o homem ensine exteriormente, mas afirmar que somente Deus ensina interiormente” (AQUINO, 2017, p. 137).

No caso dessa objeção e resposta de Tomás de Aquino, nota-se que sua teoria foi baseada nas apropriações que fazia dos textos lidos naquele contexto em que vivia e de suas relações com as outras pessoas. Para Chartier (1991), pode-se compreender que a leitura e a compreensão dos textos lidos se inscrevem em um espaço e em um contexto; no entanto, permanecem podendo ser lidas por outras pessoas em outros tempos e culturas.

Na objeção 9, ao dizer que “o homem não pode verdadeiramente ensinar outro”, usa do argumento divino de que “é Deus quem ilumina todo o homem que vem a este mundo” (AQUINO, 2017, p. 121). Em relação a essa objeção, na seção “resposta às objeções”, em Aquino (2017, p. 137-139), consta que:

O homem pode, verdadeiramente, ser chamado de mestre, capaz de ensinar a verdade e iluminar a mente, não no sentido de infundir a luz da razão, mas de colaborar com a luz da razão, por meio daquilo que lhe propõe exteriormente, para que ela atinja a perfeição da ciência.

Entende-se que, ao ensinar, o homem influencia quem aprende, pois os indivíduos são influenciados culturalmente por aspectos do grupo social em que se inserem (CHARTIER, 1991). Assim, com base nas colocações feitas pela ciência, o homem pode, sim, ensinar, segundo Tomás de Aquino.

Na objeção 10, Tomás de Aquino afirma que, “se um homem ensina outro, é necessário que faça dele, de conhecedor em potência, conhecedor em ato” e ainda. “Logo é necessário que sua ciência passe da potência ao ato. Ora aquilo que passa da potência ao ato necessariamente muda. Logo mudaria a ciência ou a sapiência [...]” (AQUINO, 2017, p. 121-123). Nota-se que Aquino evidencia que o ensino está relacionado às teorias colocadas pela ciência, que se desenvolvem a partir do desenvolvimento do conhecimento humano.

Ao trazer essa objeção para a educação, Oliveira e Boveto (2012, p. 174) afirmam que o professor só pode ensinar à medida que, pela vivência e pelos estudos, tenha adquirido, em ato, o conhecimento, só assim o ensinar e o aprender se desenvolvem conforme é necessário. Isso é confirmado na continuidade da objeção 10 por Tomás de Aquino ao se referir à afirmação de Santo Agostinho: “quando a sapiência atinge o homem, ela mesma não muda, mas é o homem quem muda” (AQUINO, 2017, p. 123). Em resposta à objeção 10, Tomás de Aquino conclui:

A sabedoria é dupla: a criada e a incriada. Diz-se que ambas foram infundidas no homem, e que, por sua infusão, este pode mudar progredindo para melhor. Entretanto, a sabedoria incriada de modo algum é mutável, e a sabedoria criada muda em nós acidentalmente, não em si mesma. De fato, pode-se considerá-la de duas maneiras: a primeira, segundo as coisas eternas da qual se ocupa, e sob este aspecto ela é absolutamente imutável; e a outra, segundo a existência que ela tem no sujeito muda de possuidor potencial para possuidor atual da sabedoria. Assim, as formas inteligíveis, das quais a sabedoria se compõe, são semelhanças das coisas e formas que aperfeiçoam o intelecto (AQUINO, 2017, p. 141).

Observa-se que, para Tomás de Aquino, conhecedor em potência é quando o homem tem a sabedoria incriada é sabedoria nata e imutável, conhecedor da teoria já colocada. Já conhecedor em ato está relacionado à sabedoria criada, é aquela que é construída pelo próprio sujeito e, assim, é mutável. Na medida em que o indivíduo vai atualizando seus conhecimentos, aperfeiçoa seu intelecto sobre as teorias colocadas pela ciência, e isso se dá quando o homem ensina.

Nessa objeção 10 e, em resposta a essa objeção de Tomás de Aquino, entende-se que uma leitura feita com a lente da educação, em relação aos conhecimentos do professor para ensinar, há aqueles construídos em sua própria vivência e experiências e aqueles construídos a partir de seus estudos da ciência já colocada por outros estudiosos. Do ponto de vista do aluno, só consegue aplicar seus conhecimentos a partir do momento que se apropria deles. Para Chartier (1991), as práticas mostram uma maneira própria de ser no mundo, uma identidade social, como é o caso do docente e do aluno, e dos saberes construídos e dos saberes apreendidos pelo aluno com mediação do professor, o que dá ao docente um estatuto e uma posição; enfim, são maneiras institucionalizadas e objetivadas, por meio das quais indivíduos singulares representam um grupo social ou classe como é o caso dos professores que representam a classe docente por meio de seus saberes.

Na objeção 11, Tomás de Aquino afirma que “a ciência não parece ser senão a representação das coisas na alma, pois diz-se que a ciência é a assemelhação do cognoscente ao conhecido. [...] Logo, um homem não pode ensinar o outro” (AQUINO, 2017, p. 135). Entende-se que, nessa objeção, ao que parece, a ciência é colocada como sendo a representação que o homem constrói sobre determinado fenômeno ou objeto a partir do que ele observa ou estuda. Para Chartier (1991), as representações são sedimentadas a partir das apropriações que cada indivíduo faz em seu convívio social e cultural.

Em resposta a essa objeção, Tomás de Aquino afirma que “as formas inteligíveis das quais se compõem a ciência recebida pelo ensino são imediatamente inscritas no discípulo pelo intelecto agente, mas mediamente por aquele que ensina” (AQUINO, 2017, p. 139). Trazendo para a educação, pode-se entender que o aluno recebe os ensinamentos sobre a ciência pelo intelecto agente; no entanto, o professor ensina o que quer ensinar sobre determinado tema. E, continuando sua resposta à objeção 11, Tomás de Aquino pondera que “este, de fato, propõe os signos das coisas inteligíveis, das quais o intelecto agente capta as intenções inteligíveis e as inscreve no intelecto possível” (AQUINO, 2017, p. 139), o que dá a compreender que o professor ensina a partir das representações que ele

tem sobre a ciência que ele ensina, que, segundo Chartier (1991), são construídas a partir das apropriações realizadas com base nas informações a que tem acesso em seu convívio em determinado grupo cultural.

Ainda continuando sua resposta à objeção 11, Tomás de Aquino conclui:

Assim, as palavras do mestre, ouvidas ou lidas nos escritos, causam a ciência no intelecto do mesmo modo que as coisas externas à alma, pois de ambas o intelecto agente capta as intenções inteligíveis. As palavras do mestre, entretanto, por serem signos de intenções inteligíveis são causas mais próximas da ciência do que os objetos sensíveis externos à alma (AQUINO, 2017, p. 139).

Esta finalização de resposta à objeção 11 mostra que Tomás de Aquino apresenta os meios pelos quais o aprendente tem acesso às informações sobre a ciência, que são aquelas intuídas, ouvidas ou lidas em textos escritos e ainda aquelas externas. Pela lente de Chartier (1991), as representações são construídas a partir das apropriações advindas do estudo crítico dos textos e ainda de outros meios de comunicação, como também da análise das práticas que se apreendem dos bens simbólicos, o que possibilita usos e significações diferenciadas pelos diferentes indivíduos ou grupos sociais. Interpretando à luz da educação, entende-se que o aluno aprende não somente a partir do que o professor ensina, e, sim, de suas leituras e estudos de outras fontes de informação, ao seu tempo e ao seu modo, por meio de diferentes fontes.

Na objeção 12, Tomás de Aquino se refere a Boécio para afirmar que “com o ensino só se instiga a mente do homem a saber”. E continua afirmando que “quem instiga o intelecto a saber não o faz saber, assim como quem instiga alguém a ver corporalmente não o faz ver. Logo, um homem não faz o outro saber, e não se pode dizer propriamente que o ensina” (AQUINO, 2017, p.123). Fazendo uma leitura com a lente da educação, entende-se que, para Tomás, ensinar, do ponto de vista do professor, não significa que o aluno aprendeu.

A compreensão dessa objeção 12 clarifica, ao analisar a resposta de Tomás de Aquino a essa objeção, ao mencionar que:

[...] a comparação entre o intelecto e a visão corporal não é adequada. A visão corporal não é uma faculdade comparativa, no sentido de atingir alguns de seus objetos a partir de outros, pois todos os seus objetos lhe são visíveis contanto que se volte para eles. Assim, quem tem a potência da visão é capaz de intuir todos os objetos visíveis do mesmo modo que

quem tem o hábito da ciência é capaz de considerar aquilo que sabe habitualmente (AQUINO, 2017, p. 139-141).

Essa resposta, na educação, pode ser compreendida no sentido de que o aluno, não necessariamente, consegue construir conhecimentos sobre determinado conceito ensinado pelo professor quando não tem conhecimentos prévios já construídos. Continuando sua resposta à objeção 12, Tomás de Aquino afirma: “portanto quem vê não precisa ser estimulado por um outro para que veja, a não ser quando o outro dirige sua visão para o objeto visível, apontando com o dedo ou de modo semelhante” (AQUINO, 2017, p.141). Entende-se que essa justificativa colocada por Tomás significa que, quando o aluno já possui alguns conhecimentos relacionados a um novo objeto estudado terá maior facilidade de compreensão do conceito conforme esperado pelo professor, que, diferente do aluno, já tem esse conhecimento construído.

Neste entendimento, retomando Chartier (1991, p.179), essa dicotomia que se dá entre professor e aluno no processo de construção do conhecimento, ocorre pelo fato de existir diferenciadas formas de leitura da realidade e dos conceitos estudados, existindo os mais “letrados de talento e os leitores menos hábeis”, que precisam estudar sobre determinado conceito para a sua compreensão, visto que professores e alunos não dispõem dos mesmos conhecimentos e não mantêm a mesma relação com os estudos.

Ainda referindo-se à continuidade da resposta de Tomás de Aquino à objeção 12, ele explica sobre quem tem a potência intelectual:

Já a potência intelectual, sendo comparativa, passa de uns objetos inteligíveis para outros; logo, não pode considerar igualmente todos os objetos inteligíveis, mas vê instantaneamente os que são imediatamente conhecidos, nos quais estão implicitamente contidos os outros, os quais ela não pode inteligir sem o trabalho da razão, que desdobra o que está contido implicitamente nos princípios (AQUINO, 2017, p. 141).

Observa-se que o indivíduo que tem a potência intelectual, de acordo com Aquino, consegue estabelecer comparações entre objetos sobre os quais já tem conhecimentos prévios construídos, conseguindo, inclusive, compreender que determinado objeto tem os mesmos princípios que um objeto novo que lhe é apresentado. Trazendo para a educação, pode-se dizer que, para que ocorra

aprendizagem de determinado conceito, quando o aluno já possui conhecimentos prévios, terá sua compreensão ampliada, o que justifica a necessidade de a escola promover ações nos ambientes educacionais para que não sejam sedimentadas defasagens de aprendizagem por parte dos alunos.

Ainda na resposta de Tomás de Aquino à objeção 12, ele trata de potência e ato afirmando que “antes de ter o hábito, em relação ao conhecimento desses objetos, o intelecto não está somente em potência accidental, mas também em potência essencial” e, assim, “ele precisa de um motor que o conduza, pelo ensino, no ato, como quem já conhece algo por hábito não precisa mais desse motor” (AQUINO, 2017, p.141). Essa sua colocação está se referindo ao momento anterior em que o indivíduo ainda não tem o conhecimento de determinado objeto, necessitando de um motor que o conduza através do ensino, ao contrário de quem já tem esse tipo de conhecimento. Na educação, pode-se entender esse motor essencial pode ser o professor que já possui o conhecimento construído sobre o conceito ensinado e, por meio do ensino, compartilha esse conhecimento com o aluno para que ele aprenda. Em Solução do Artigo 1, a explicação de Aquino mostra essa importância de quem ensina na vida do que aprende:

Ora, o processo pelo qual a razão descobre aquilo que ignorava consiste em aplicar os princípios comuns, conhecidos imediatamente, a determinadas matérias, e daí proceder a certas conclusões particulares, e destas a outras. Diz-se, conseqüentemente, que alguém ensina um outro, porque aquele expõe a este, mediante signos, o mesmo percurso da razão que faz em si mesmo pela razão natural, de modo que a razão natural do discípulo alcança o conhecimento daquilo que ignorava por meio dos sinais propostos, servindo-se deles como instrumentos. Logo, assim como se diz que o médico causa a saúde do enfermo, cooperando com a natureza, assim também se diz que um homem causa a ciência em outro, cooperando com sua razão natural. E isto é ensinar. É nesse sentido que se diz que um homem ensina o outro, e que é seu mestre (AQUINO, 2017, p. 133).

A compreensão que se tem é que as informações sobre determinado objeto com o ensino de um mestre vão se transformar em conhecimento construído pelo aluno, o que pode ser percebido na resposta à objeção 12, em que Tomás de Aquino menciona:

O mestre, pois, instiga o intelecto a saber aquilo que ele ensina como motor essencial que faz passar da potência ao ato, ao passo que quem exhibe um objeto para a visão corporal instiga-a como motor accidental, do mesmo modo que quem instiga alguém que possui o hábito da ciência a considerar um objeto (AQUINO, 2017, p. 141).

Olhando pela lente da educação, o ensino do professor que já tem o conhecimento construído sobre determinado conceito pode provocar, no aluno, o interesse pela aprendizagem que vai transformar informações sobre determinado conceito em um conceito sedimentado e aplicável em outras situações.

Oliveira e Boveto (2012) entendem que, para Tomás de Aquino, a potência é recebida de Deus; no entanto, para que seja convertida em ato, há a necessidade de o homem aprender, também, por intermédio de um agente extrínseco. Na Solução, Tomás de Aquino afirma que “de fato as formas naturais certamente preexistem na matéria; não em ato, como alguns afirmam, mas somente em potência, da qual são trazidas ao ato por um agente extrínseco próximo” (AQUINO, 2017, p. 129). Dessa maneira, conclui que a aquisição dos saberes depende do sujeito que possui o conhecimento e ensina e do sujeito que possui disposições intelectivas para aprender. Felici (2007) complementa que a visão tomista da passagem da potência para o ato esclarece que é necessário que um ser em ato, o professor, auxilie o aluno a fazer essa passagem, fundamental nesse processo, haja vista que já conhece o conteúdo que ensina.

Na objeção 13, Tomás de Aquino trata da ciência como a certeza do conhecimento:

[...] a ciência requer a certeza do conhecimento; de outro modo não é ciência, mas opinião ou crença [...]. Ora, um homem não pode produzir certeza em outro por meio dos signos sensíveis que propõe, pois o que está nos sentidos é mais incerto que o que está no intelecto. A certeza, pois, sempre se obtém por algo mais preciso. Logo um homem não pode ensinar o outro (AQUINO, 2017, p. 123).

Sobre essa objeção de Tomás de Aquino, pode-se fazer diferenciadas leituras. Nota-se que ele retoma a defesa de que os signos apresentados por outrem são sensíveis e, assim, o aprender deve ser por iniciativa da própria pessoa. E, pensando na educação, o professor pode auxiliar o aluno, no entanto, não consegue infundir nele a ciência ou um conhecimento pronto, e, desta maneira, a constatação do próprio aluno sobre determinado assunto com base na ciência pode favorecer a

sua aprendizagem. No entendimento de Cavalcante (2006), Tomás de Aquino mostra, com seus escritos, que o aluno precisa ser colocado diante dos problemas para que desenvolva elementos que possam solucioná-los e o mestre age para ampará-lo em sua experiência.

Em resposta à objeção 13, Tomás de Aquino afirma que “a certeza da ciência depende totalmente da certeza dos princípios, pois as conclusões são conhecidas como certeza quando se as reduz aos seus princípios”. E, desta forma,

[...] a causa de qualquer coisa que se sabe com certeza é a luz da razão, infundida por Deus em nosso interior e através da qual ele fala em nós, e não um homem que ensina exteriormente, a não ser na medida em que, ensinando reduza as conclusões aos princípios. Mas não alcançaríamos a certeza da ciência se não estivesse em nós a certeza dos princípios, aos quais as conclusões se reduzem (AQUINO, 2017, p. 141).

Essa finalização da resposta de Tomás de Aquino à objeção 13, ao ser interpretada, ao que parece, está se referindo à parte do ensino responsável pelos saberes já construídos, evidenciando que isso só ocorre a partir do momento em que o indivíduo passa a ter certeza dos princípios e consegue tirar conclusões sobre determinado objeto ou conceito.

Em Solução, vem a explicação de Tomás de Aquino para essa objeção e resposta. Para ele, se “o homem propõe as outras coisas que não estão ou não parecem estar incluídas nos princípios conhecidos imediatamente, não causará neste a ciência, mas talvez opinião ou crença” e evidencia que é com base nesses princípios conhecidos, “que o homem entende que se deve admitir com certeza aquilo que deles decorre necessariamente, rejeitar totalmente o que lhes é contrário e, quanto ao mais, que se pode dar ou recusar assentimento” (AQUINO, 2017, p. 133).

Transportando para a educação, entende-se que o aluno só aprendeu no momento em que consegue acessar os saberes já construídos sobre determinado conceito e aplicá-los em novas situações, o que justifica a relevância do professor propor atividades em que o aluno necessite estudar, refletir e chegar às conclusões, obtendo-se, assim, o conhecimento em ato.

Na objeção 14, Tomás de Aquino afirma:

[...] além disso, a ciência requer somente a luz inteligível e as espécies. Ora, nenhuma dessas duas um homem pode causar no outro, pois seria preciso que o homem criasse algo, já que parece que formas simples como essa só podem ser produzidas por criação. Logo, homem não pode causar a ciência no outro e, portanto, não pode ensinar (AQUINO, 2017, p. 123).

Observa-se que, nessa objeção, Tomás de Aquino coloca que, precisando a ciência de luz inteligível e as espécies, como poderia o homem ensinar, se não era capaz de criar algo no outro? Isso vai na direção de defesa de um protagonismo de quem aprende. Na questão da aprendizagem, para Felici (2007), Tomás entendia que, como Deus não provia o conhecimento direto das coisas para o homem, este não poderia infundir em outro, de forma direta, o conhecimento.

Em resposta a essa objeção 14, Tomás de Aquino responde que o homem que pode ensinar externamente “não infunde a luz inteligível, mas é, de certo modo, causa da espécie inteligível na medida em que nos propõe signos das intenções inteligíveis, as quais nosso intelecto capta dos signos e guarda em si mesmo” (AQUINO, 2017, p. 141). Assim, para Tomás de Aquino, pode o homem aprender sobre alguma coisa; no entanto, não seria por meio de quem ensina que essa luz seria infundida, o que ocorre é que, ao propor signos de intenções inteligíveis, o intelecto do aprendente guarda esses signos. Para Felici (2007), Tomás tratava da realidade física e intelectual, defendendo que Deus é a forma de todas as coisas e que o intelecto agente de um ser humano poderia causar a luz inteligível e a inteligibilidade sobre as coisas.

Ao trazer essa objeção de Aquino e sua respectiva resposta para o campo da educação, pode-se entender que o professor não consegue ensinar, no entanto, por meio de suas palavras e ações, compartilha com o aluno o conhecimento sobre determinados conceitos e objetos, e, por meio do protagonismo do aluno, podem ser por ele apropriados e apreendidos. À luz de Chartier (1991), isso ocorre porque a apropriação se dá de formas diferenciadas em razão das interpretações serem específicas de cada indivíduo e relacionadas às especificidades das práticas que as produzem.

Na objeção 15, Tomás de Aquino afirma que apenas Deus pode formar a mente humana, “além disso, nada pode formar a mente do homem senão só Deus, como disse Agostinho. Ora, a ciência é uma certa forma da mente. Logo, só Deus

pode causar a ciência na alma” (AQUINO, 2017, p.123). Observa-se que essa objeção de Aquino traz como fundamento o pensamento de Santo Agostinho, o que mostra que é uma representação de Santo Agostinho apropriada por Tomás de Aquino, o que fica mais claro na própria resposta a essa objeção, ao afirmar “como explica Agostinho”, ao responder:

[...] ‘nada pode formar a mente senão só Deus’ deve-se entender que se refere à sua forma última, sem a qual ela é considerada informe, não importando que outras formas tenha. Esta forma última é aquela com a qual a mente se converte e adere ao Verbo, e somente mediante a qual a natureza racional pode ser dita formada, como explica Agostinho [...] (AQUINO, 2017, p. 141-143).

Ao interpretar o pensamento de Tomás de Aquino, Felici (2007) evidencia que, como o homem foi criado por Deus, considerava um ensino interior, mediado pelo próprio intelecto agente, com um papel ativo. Na educação, pode-se entender que o aprendiz, o aluno, é o responsável direto pelo protagonismo e o papel do professor é uma causa instrumental do ensino, entretanto, defende uma postura equilibrada que inclui o professor e aluno.

Na objeção 16, Tomás de Aquino afirma:

[...] além disso, assim como a culpa está na mente, está também a ignorância. Ora, só Deus purifica a mente da culpa: ‘Sou eu que apagou as tuas iniquidades por causa de mim’. Logo, só Deus purifica mente da ignorância e, portanto, só Ele ensina (AQUINO, 2017, p. 123).

Essa objeção mostra que Tomás de Aquino continua no sentido de tentar melhor compreender e refletir sobre quem ensina, se Deus ou se o homem pode ensinar. Em sua resposta a essa objeção, menciona:

[...] a culpa está na vontade, na qual somente Deus pode influir como ficará claro no artigo seguinte, já a ignorância está no intelecto, no qual até uma virtude criada pode influir, assim como o intelecto agente imprime as espécies inteligíveis no intelecto possível, mediante o que as coisas sensíveis e o ensino dos homens causam ciência em nossa alma (AQUINO, 2017, p. 143).

Entende-se, com a resposta de Tomás de Aquino a essa objeção 16 que, para ele, todo o conhecimento construído pelo homem é decorrente da comparação que ele faz com as coisas sensíveis naturais, não havendo transferência de conhecimentos mesmo que haja agentes externos. Portanto, não ocorre o ensino sem uma atividade própria do aprendiz, sendo ele o principal agente por meio de

seu intelecto e, somente assim, a observação dos sentidos e o ensino dos homens pode provocar no aluno a aprendizagem. Dessa forma, na educação, o aluno só consegue aprender a partir de seu interesse e suas ações. Para Felici (2007), os fatores externos, como o professor, os livros e a tradição social são auxiliares no desenvolvimento do aluno com autonomia. Recorrendo a Chartier (1991), pode-se entender que a leitura não consiste apenas em uma operação abstrata de inteligência, é preciso ir além, colocar o corpo em jogo, compreender o contexto e as relações que ocorrem nesse espaço.

Na objeção 17, Tomás de Aquino postula:

Além disso como a ciência é conhecimento certo, recebe-se a ciência daquele por cuja fala se obtém certeza. Mas ninguém obtém certeza por ouvir um homem falar, pois, do contrário, seria necessário que considerássemos como certa qualquer coisa que o homem dissesse. Ora, só obtemos certeza na medida em que ouvimos a verdade falar interiormente, a qual também consultamos para obter certeza daquilo que ouvimos de um homem. Logo, o homem não ensina, mas sim a verdade que fala interiormente, que é Deus (AQUINO, 2017, p. 125).

Em seu estudo, Moura (2013) menciona que, conforme o próprio Tomás de Aquino evidenciou, toda certeza do conhecimento tem origem nos princípios e as conclusões somente podem ser tiradas, com certeza, no momento em que o aprendiz remete aos princípios. Dessa forma, qualquer coisa que é conhecida está relacionada à luz interior da razão, e, assim, um homem só consegue ensinar se, por meio de seu ensino, consegue mostrar uma concatenação entre os princípios e as conclusões, pois a certeza decorre dos princípios em que as conclusões se apoiam. Trazendo para a educação, o professor só conseguirá ensinar se tiver um conhecimento fundamentado do que vai ensinar e o aluno necessita partir dos seus conhecimentos prévios. Em Solução, Tomás de Aquino refere-se a esses conhecimentos ao afirmar: “em relação à aquisição da ciência: que preexistem em nós certas sementes das ciências, a saber as concepções primeiras do intelecto [...]”(AQUINO, 2017, p.129), ou seja, o aluno já tem suas concepções que com o ensino vão ser clareadas, compreendidas e apreendidas, do que é colocado pelo professor e agindo de forma ativa nessa construção para solidificar suas conclusões.

Em resposta a essa objeção 17, Tomás de Aquino afirma que a certeza da ciência é recebida de Deus, “que infundiu em nós a luz da razão, pela qual conhecemos os princípios, dos quais se origina a certeza da ciência. Entretanto, a ciência também é causada em nós, de certo modo, pelo homem [...]” (AQUINO, 2017, p.143). Observa-se, nessa resposta, que, sendo a Ciência baseada em princípios, para Tomás de Aquino, pode ser ensinada pelo homem; no caso da educação, pode ser ensinada pelo docente e aprendida pelos alunos.

Em Solução, Tomás de Aquino reforça ao afirmar: “assim quando, desses conhecimentos universais, a mente atualiza conhecimento do particular, que antes só tinha em potência e em geral, é então que dizemos ter adquirido ciência” (AQUINO, 2017, p. 131). Na compreensão de Moura (2013), Aquino, ao buscar um sentido para o ensino, tem a percepção de que somente ocorre quando se dá a descoberta por parte do aluno, consistindo, no entanto, em um processo que implica a necessidade da presença de duas figuras essenciais: a do professor e do aluno. Nesse sentido, pode-se observar, em Solução, a afirmativa de Aquino:

Quando ao contrário, algo preexiste apenas em potência passiva, é principalmente o agente extrínseco que faz a potência passar ao ato, como o fogo faz o ar, que é fogo em potência, passar fogo em ato. Assim, a ciência preexiste no aprendiz em potência, não somente passiva, mais ativa. Do contrário, o homem não poderia adquirir a ciência por si mesmo. Portanto assim como há dois modos de sarar- um, pela ação da natureza somente, e outro, pela natureza com o auxílio de remédios- há também dois modos de adquirir ciência: um, quando a razão natural chega por si mesmo ao conhecimento de coisas ignoradas- e a este modo chama-se ‘descoberta’-, e outro, quando alguém auxilia externamente a razão natural- e a este chama-se “aprendizagem”. Algo semelhante ocorre também na aquisição da ciência: aquele que ensina conduz o outro à ciência de coisas ignoradas do mesmo modo como alguém que descobre é conduzido por si mesmo ao conhecimento daquilo que ignorava (AQUINO, 2017, p. 131-133).

Associando-se a Chartier (1991), pode-se interpretar que a ciência vai sendo construída a partir das diferenciadas representações coletivas que são matrizes na construção do próprio mundo social e essas representações só são verdadeiras à medida que comandam atos, ou seja, quando vão sendo apropriadas e compartilhadas. Dessa forma, a ciência baseada em princípios vai sendo apropriada pelos docentes que criam suas representações e, ao compartilharem com seus

alunos, estes se apropriam delas e de outras representações do mundo social em que se insere, estabelecendo a sua aprendizagem.

Na objeção 18, Tomás de Aquino afirma:

[...] ninguém aprende, mediante a fala de um outro, algo que já poderia responder antes se fosse perguntado. Ora, o discípulo se fosse perguntado, responderia sobre as coisas que o mestre propõe antes que este falasse com efeito, não seria ensinado pela fala do mestre se não soubesse que as coisas são tal como o mestre propõe. Logo, um homem não é ensinado pela fala de outro homem (AQUINO, 2017, p. 125).

A compreensão dessa objeção de Tomás de Aquino, com base em Chartier (1991), inicia ao admitir que a representação pode levar a ver uma ausência ou apresentar uma presença como a apresentação de uma coisa ou de uma pessoa ao público, por exemplo. Trazendo para a educação, o professor tem o conhecimento de um conceito, tem a representação desse conceito, e consegue acessá-lo a qualquer momento, consegue ensinar.

Na resposta a essa objeção 18, Tomás menciona:

[...] se interrogado antes da fala do mestre, o discípulo responderá a respeito dos princípios pelos quais é ensinado, mas não a respeito das conclusões que o mestre lhe ensinará. Portanto, não aprende do mestre os princípios, mas somente as conclusões (AQUINO, 2017, p. 143).

Continuando o entendimento com Chartier (1991, p.184), “a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente” e isso só ocorre quando se tem o conhecimento sobre algo. No âmbito da educação, essa resposta de Aquino, mostra que, se interrogado de início, o aluno que não conhece logicamente todos os princípios do conceito abordado (não tem a representação desse conceito) conforme o professor, conseqüentemente, consegue compreender somente as conclusões de seu professor, não os princípios desse conceito para tirar as próprias conclusões. Em Solução do Artigo 1, Tomás de Aquino explica que:

Deve se saber, entretanto, que nas coisas naturais algo preexiste em potência de duas maneiras: a primeira é em potência ativa completa, a saber, quando o princípio intrínseco é suficiente para levar ao ato perfeito, como ocorre no sarar, em que a virtude natural que está no próprio doente o conduz à saúde. A outra maneira é em potência passiva, saber, quando o princípio intrínseco não é suficiente para trazer ao ato como no caso do fogo que se faz a partir do ar, o que não poderia acontecer por conta de nenhuma virtude existente no ar. Quando, pois, algo que existe em potência ativa completa, o agente extrínseco não age senão ajudando o agente intrínseco, fornecendo os meios pelos quais possa chegar ao ato; como no caso do médico que, para curar, ajuda a natureza - que opera

principalmente - fortalecendo-a e aplicando-lhe remédios, dos quais ela se serve como instrumentos para sarar (AQUINO, 2017, p. 131).

Em Solução, Tomás de Aquino refere que a luz da razão é infundida no homem por Deus e é por meio dela que conhece esses princípios “como uma imagem da verdade incriada refletida em nós” (AQUINO, 2017, p. 135). E conclui que somente Deus ensina e que isso não impede que o ensino seja atribuído ao homem em sentido próprio e, portanto, o homem pode ensinar. Compreende-se assim, que para Tomás de Aquino, quem ensina atua como um agente extrínseco (professor), e suas ações são auxílio para o agente intrínseco (o aluno), fornecendo-lhe, no processo educativo, meios para que possam fazer consolidar o ato ou o conhecimento (GODOI, 2013). Ou seja, o professor conduz o aluno ao aprendizado que ele não tinha, em um caminho de protagonismo para a descoberta do que ainda não conhecia.

5.2 SOBRE O ARTIGO II DA OBRA *DE MAGISTRO*

No Artigo II, Tomás de Aquino coloca a questão “se o homem pode ou não ser mestre de si mesmo”, sobre a condição de alguém poder ou não ser chamado de mestre de si mesmo. Logo após, postula “E parece que sim”, trazendo 6 objeções nesse artigo II, além de “Em contrário”, “Solução” e “Resposta às objeções”, de mesma maneira que o artigo I.

Felici (2007) trata sobre essa segunda questão do *De Magistro* afirmando não ser menos importante que a primeira que integra o Artigo 1. Como foi analisado, a primeira questionava se alguém extrínseco ao aprendente pode ensinar, e a segunda vai na direção de questionamento de alguém poder ser mestre de si mesmo.

De acordo com Batista (2010), como Tomás de Aquino não demonstrou que alguém, vindo de fora, não pode ensinar, o aprendizado não fica totalmente por conta do aprendente. E nesse sentido, definiu os conceitos de ensino (aquilo que vem de fora para dentro) e descoberta (interioridade), explicando que, embora a mente possa aprender por iniciativa do próprio sujeito, trata-se, portanto, de descoberta e não de ensino, o qual requer exterioridade.

5.2.1 Objeções e Respostas às Objeções no Artigo II, por Tomás de Aquino

Na objeção 1 do Artigo 2, Tomás de Aquino alega:

Pois a ação deve ser atribuída mais à causa principal do que à instrumental. Mas o intelecto agente é como a causa principal da ciência causada em nós, ao passo que o homem, que ensina exteriormente, é como causa instrumental, que propõe ao intelecto agente os instrumentos com os quais este conduz à ciência. Logo, o intelecto agente ensina mais que o homem exterior. Se, pois, por conta da fala exterior, aquele que fala exteriormente é chamado de mestre daquele que o escuta, muito mais, por conta da luz do intelecto agente, aquele que escuta deve ser chamado de mestre de si mesmo (AQUINO, 2017, p. 143-145).

Nessa objeção, Tomás de Aquino coloca que a aprendizagem se dá a partir de dois sujeitos, o que ensina e o que aprende, podendo ser trazidos para a educação os papéis do aluno como agente principal e o professor como agente instrumental, visto que propõe elementos que levam o aprendiz à ciência. Corroborando Almeida (2019), evidencia que, no pensamento tomasiano, de fato, o que aprende é o agente principal do processo de aprendizagem, e o mestre é a causa instrumental e secundária. O mestre tem a função de auxiliar e conduzir, mas o ideal é que cada ser humano bem educado proceda uma busca independente em sua intelectualidade.

Tomás de Aquino, fundamentando-se nas Sagradas Escrituras, apresenta em Solução desse artigo II que: “alguém pode, sem dúvida, pela luz da razão e sem auxílio de ensino exterior, chegar ao conhecimento de muitas coisas que ignorava, como é evidente no caso de quem adquire ciência por descoberta” (AQUINO, 2017, p. 147). Assim, nessa objeção e Solução, o aprendiz, o aluno, é considerado por Tomás capaz de aprender por descoberta, de ter autonomia na aprendizagem, e, com seu protagonismo, pode conhecer parte dos princípios de determinado conceito da ciência, não em totalidade, como aquele que ensina exteriormente, o professor, que propõe ao intelecto agente do aluno aquelas soluções que levam à compreensão de um conceito.

Em resposta à objeção 1 do Artigo 2, Tomás de Aquino faz a seguinte colocação:

À primeira objeção, respondo dizendo que o intelecto agente, apesar de ser, até certo ponto, causa mais principal que o homem que ensina exteriormente, a ciência não preexiste nele completa, como naquele que ensina. Portanto, a objeção não é válida (AQUINO, 2017, p. 149).

Observa-se que Tomás de Aquino, nesta resposta, não coloca o aprendiz como preparado para ensinar a si mesmo, comparando-o com o mestre. Cavalcante (2006) explica que, no pensamento tomasiano, a abstração está sempre presente, e que considera que o intelecto agente transforma as imagens recebidas em certa abstração que relaciona o aprendiz, o conteúdo e a ordenação dos conteúdos a serem apreendidos.

Tomás de Aquino dá lugar também à função do professor e do ensino. Na criação, o Criador cria a criatura e confere a ela a ciência, mais do que a possibilidade do conhecimento, oferece uma luz que faz com que a verdade se atualize em quem a busca. Assim, o professor, agente externo, através de seu conhecimento, a ciência em ato, estimula o aluno a aprender, a caminhar para que sua inteligência se atualize em relação à ciência. Mas o aluno pode aprender por descoberta não a ciência em sua totalidade, mas parte dela.

Complementando o entendimento dessa objeção e resposta dada por Tomás de Aquino, pode-se recorrer ao que afirma em Solução, nesse segundo artigo: “o ensino implica que a ação do mestre de causar a ciência seja perfeita, de modo que é necessário que este possua clara e perfeita a ciência que causa em outro, pois assim, a adquire quem a aprende por meio de seu ensino” (AQUINO, 2017, p.147-149). Apreende-se, portanto, que, no pensamento tomasiano, quem adquire o conhecimento apenas por descoberta não possui a perfeição, pois ele não está totalmente em ato do saber, e não poderia ser chamado de mestre de si mesmo. Dessa maneira, mostra uma valorização do papel do professor frente ao papel do aluno, como aquele que pode auxiliar o aluno chegar à aprendizagem, mas, para que isso ocorra, o professor precisa ter um conhecimento em ação sobre o que ensina e, assim, mestre é aquele que tem a perfeição da ciência em si, que é o mestre ou professor, aquele que tem a certeza sobre determinado conhecimento.

Essa certeza do conhecimento é abordada por Tomás de Aquino na objeção 2 do Artigo 2, ao sustentar:

Além disso, ninguém aprende nada senão quando chega à certeza do conhecimento. Mas a certeza do conhecimento existe em nós graças aos princípios conhecidos naturalmente à luz do intelecto agente. Logo, o ensino compete precipuamente ao intelecto agente; e conclui-se o mesmo que acima (AQUINO, 2017, p. 145).

Essa certeza do conhecimento é a aprendizagem, atingida quando o aprendiz chega às suas próprias conclusões a partir dos princípios sobre a ciência que já detinha. Cavalcante (2006) corrobora ao explicar que, para Tomás de Aquino, o princípio do conhecimento está fundamentado no que o aprendiz observa a partir do conhecimento dos sentidos, os princípios da ciência, que, embora não sejam a causa do conhecimento intelectual, consistem na matéria da causa. E, arrematando, é somente a partir do conhecimento intelectual que se tem a certeza do conhecimento e se constata a aprendizagem, sendo, portanto, essa certeza obtida a partir dos princípios já construídos no intelecto agente do aprendiz, a partir dos quais ele chega às suas próprias conclusões.

Ampliando esse entendimento, nota-se que, em Solução, Tomás de Aquino especifica: “alguém pode, sem dúvida, pela luz da razão e sem auxílio de ensino exterior, chegar ao conhecimento de muitas coisas que ignorava, como é evidente no caso de quem adquire ciência por descoberta” (AQUINO, 2017, p. 147). Essa sua colocação mostra sua consideração do aluno como protagonista na aprendizagem e a possibilidade de aprender por descoberta os princípios da ciência.

Para Cavalcante (2006), segundo o pensamento tomasiano sobre o princípio da ciência, denomina por luz do intelecto agente, que possibilita ao aprendiz conhecer os princípios universais dessa mesma ciência, e, a partir de princípios já conhecidos, por iniciativa própria, chegar ao desconhecido. No entanto, em sua resposta a essa segunda objeção, Tomás de Aquino cita que era o mesmo argumento da primeira objeção que se refere à não completude da ciência no intelecto agente do aprendiz só com base nos princípios, necessitando da presença do mestre que tem o conhecimento em ato.

Interpretando, segundo Chartier (1991), Tomás de Aquino estava em um contexto em que o papel do mestre estava em alta na Europa, e, dessa forma, sua apropriação dos escritos que estudava, representações já construídas por outros, como Santo Agostinho e Sagradas Escrituras, refletem esse mundo social em que estava inserido com determinações e práticas específicas. E, assim, ao que se pode notar, essa sua segunda objeção e respectiva resposta mostra que defendia o

protagonismo do aluno, mas matinha aquele equilíbrio com a valorização do docente.

Outra característica da apropriação de Tomás de Aquino desses escritos à luz da sociedade medieval foi a objeção 3, do Artigo 2, em que enaltece a essencialidade de Deus para o ensino quando propõe:

Além disso, ensinar compete mais propriamente a Deus que ao homem, como disse Mateus (23, 8): 'Um só é o vosso Mestre'. Ora, Deus nos ensina na medida em que nos transmite a luz da razão, com a qual podemos julgar todas as coisas. Logo, a ação de ensinar deve ser atribuída precipuamente a essa luz; e conclui-se o mesmo que acima (AQUINO, 2017, p. 145).

Esse poder atribuído a Deus, por Tomás de Aquino, nessa objeção, evidencia a razão humana que, por meio do intelecto agente, consegue aprender sobre todas as coisas.

A essa terceira objeção, Tomás de Aquino respondeu que “Deus conhece claramente tudo aquilo que Ele ensina ao homem, donde se Lhe pode atribuir, apropriadamente, o título de mestre; o mesmo não corre, entretanto, com o intelecto agente, por conta da razão já dita” (AQUINO, 2017, p. 149), o que mostra sua consideração de Deus como mestre por ser providente do que a razão humana conclui. Nesse sentido, em seu estudo, Almeida (2019) destaca que, no pensamento tomasiano, a iluminação, dada por Deus, oferece ao indivíduo a faculdade da razão, mas o exercício completo dessa razão é a virtude ou a pedagogia a ser aprendida e aprimorada.

Entendendo essa objeção e a respectiva resposta, com base em Chartier (1991), a apropriação de determinado conceito pelo aprendiz somente ocorre no momento que ele consegue criar sua representação sobre aquele conceito. No entanto, para compreender a apropriação feita por Tomás de Aquino, para construir essa representação, implica atentar novamente para as condições e os processos que sustentaram essa produção dos sentidos atribuídos por ele ao ensino, com base em suas leituras que não estavam desvinculadas dos pensamentos filosóficos na sociedade medieval.

Nesse momento, a tradição cristã acreditava nos postulados de Santo Agostinho, que defendia a teoria da iluminação divina, imediata na inteligência humana dada por Deus, que o conhecimento se construía a partir da realidade

inteligível, a transcendência. O pensamento de Tomás de Aquino, embora fosse leitor de Santo Agostinho, originalmente, defende a imanência, que consiste no conhecimento a partir da realidade sensível, material, concreta, pois para ele, o conhecimento se dá por comparação com as coisas sensíveis naturais. Dessa forma, embora o aprendiz tenha sua razão iluminada por Deus, necessita exercitá-la a partir das coisas visíveis para conseguir atingir a aprendizagem.

Na objeção 4 do Artigo 2, é colocada por Tomás de Aquino a seguinte afirmativa:

Além disso, saber algo descobrindo é mais perfeito do que aprendendo de outro, como mostra o livro I da *Ética*. Se, pois, o nome 'mestre' se aplica àquele modo de adquirir ciência no qual um a aprende do outro, sendo este o mestre daquele, muito mais se deve aplicá-lo àquele modo de adquirir ciência por descoberta. Assim, pode-se dizer que alguém seja mestre de si mesmo (AQUINO, 2017, p. 145).

Nessa objeção, Tomás de Aquino coloca como hipótese que alguém pode ser mestre de si mesmo considerando a aprendizagem da ciência por descoberta, além da aprendizagem dessa ciência de outro. Para Felici (2007), esse pensamento tomasiano salienta como caminho para a aprendizagem, o papel do mestre, articulado em uma proposta de educação para o aprendiz como protagonista, privilegiando o intelecto agente. Observa-se que Tomás de Aquino evidencia uma potencialidade do aprendiz determinante no ensino, mas que também precisa de um agente extrínseco para que aprenda.

Dessa maneira, a resposta a essa objeção vai reforçar que, para a aquisição do saber, são importantes dois personagens, aquele que ensina e aquele que está disposto intelectualmente para aprender. Nesse sentido, na resposta a essa quarta objeção, Tomás de Aquino afirma:

[...] ainda que o modo de adquirir ciência por descoberta seja mais perfeito do ponto de vista de quem recebe a ciência, na medida em que este se revela mais hábil para o saber, do ponto de vista de quem causa a ciência o modo de adquiri-la pelo ensino é mais perfeito. Aquele que ensina, conhecendo claramente toda a ciência, pode conduzir a ela mais rapidamente do que alguém que se conduz a si mesmo, tendo apenas um conhecimento geral dos princípios da ciência (AQUINO, 2017, p.149)

Dessa maneira, deixa claro que, embora o aluno possa aprender por descoberta os princípios da ciência, precisa do mestre para atingir o aprendizado mais rapidamente, em razão da organização dos conhecimentos pelo professor.

Assim, ao ampliar para o entendimento do pensamento de Tomás de Aquino sobre a aprendizagem pela descoberta e a aprendizagem pelo ensino, observa-se que ele considera que a aprendizagem pelo ensino pode ser mais perfeita ao admitir que quem ensina tem o domínio da ciência e, portanto, pode conduzir o aprendiz mais rapidamente às conclusões do que por si próprio, visto que o aluno possui somente conhecimentos gerais dos princípios da ciência.

Reportando-se à educação, evidencia-se uma valorização de Tomás de Aquino em relação à figura do mestre na vida do aluno, pois ele conduz mais rapidamente o aluno à aprendizagem, o que é confirmado em Solução, na afirmativa de Tomás de Aquino: “nesse caso alguém é, de certo modo, causa de sua própria ciência, ainda que não se possa dizer, propriamente, que seja mestre o que se ensina a si mesmo” (AQUINO, 2017, p. 147). E dessa relação entre quem ensina e quem aprende emerge a aprendizagem, o que Tomás de Aquino hipotetiza na objeção 5 do Artigo 2:

Além disso, assim como alguém pode ser levado à virtude por outro ou por si mesmo, também pode alguém ser conduzido à ciência descobrindo por si mesmo ou aprendendo de outro. Ora, daqueles que chegam à prática das virtudes sem instrutor externo ou legislador diz-se que são lei para si mesmo: ‘Quando os gentios, que não tem lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, esses, não tendo lei, a si mesmos servem de lei’ (Rm 2, 14). Assim, aquele que adquire a ciência por si mesmo deve ser chamado de mestre de si mesmo (AQUINO, 2017, p. 145).

O que essa objeção reflete é que a aprendizagem pode se dar por conta própria do aprendiz por descoberta ou por meio do ensino por outro. No entanto, Tomás de Aquino evidencia que as virtudes adquiridas, na prática, sem instrutor externo, são tomadas pelo aprendiz como leis às quais passam a servir. Essa compreensão pode ser completada ao interpretar a Solução apresentada por Tomás de Aquino, que explica: “[...] quando, porém, alguém adquire ciência graças a um princípio intrínseco, esse alguém, que é causa agente da ciência, não a possui senão em parte, isto é, a parte que corresponde às razões seminais da ciência”, que considera como os princípios comuns. Dessa maneira, conclui com o entendimento de que “não se pode aplicar o título de docente ou de mestre por conta desse tipo de causalidade” (AQUINO, 2017, p. 149).

Na concepção de Tomás de Aquino nessa objeção, ser mestre implica possuir um conhecimento “perfeito”, que possibilite ensinar com propriedade e o aluno que aprende por descoberta ainda possui, em parte, a ciência, o que está mais especificado em sua resposta à quinta objeção do Artigo 2: “a lei está para a ação assim como o princípio – e não o mestre – está para a especulação. Portanto, de alguém pode ser lei para si mesmo não segue que se possa ser mestre de si mesmo” (AQUINO, 2017, p. 149). Resposta essa que traduz o entendimento de Tomás de Aquino sobre o fato de o aprendiz, ao aprender somente os princípios, torná-los leis para si mesmo, não era suficiente para ser mestre de si mesmo, pois os princípios consistem em apenas parte da ciência a ser ensinada e não em suas conclusões. Essa resposta também é clarificada ao conhecer a Solução apresentada por Tomás de Aquino ao afirmar:

Encontramos, nas coisas naturais, dois tipos de princípios agentes [...]. Há os agentes que trazem em si aquilo que é causado por eles no efeito, seja na mesma medida, como sucede aos agentes unívocos, ou em medida eminente, como sucede aos agentes equívocos. E há os agentes nos quais o efeito que produzem só preexiste em parte, como o movimento que causa a saúde ou como um remédio quente, esteja nele o calor em ato ou em potência. Ora, o calor não é toda saúde, mas parte dela. No primeiro tipo de agentes a proporção da ação é perfeita, e não o é no segundo, pois uma coisa age na medida em que está em ato. Assim, estando em ato apenas em parte em relação ao efeito que deve produzir, não será um agente perfeito (AQUINO, 2017, p. 147).

Estando em ato apenas parte do conhecimento, o aprendiz não pode ensinar a si mesmo sem a orientação do mestre, que possui o conhecimento em ato e, portanto, é considerado, por Tomás de Aquino, como um agente que causa no aprendiz o conhecimento. No entendimento de Cavalcante (2006), Tomás de Aquino postulou, a partir de Aristóteles, que, do conhecimento já existente, inicia toda a ciência e, assim, o mestre pode levar o discípulo ao conhecimento, partindo do que ele sabe, por duas formas: a primeira, propondo alguns meios e instrumentos para que a ciência seja adquirida pelo intelecto do aprendiz; e segunda, fazendo com que o intelecto do aprendiz possa ordenar os princípios e chegar às conclusões.

Pode-se ainda trazer Almeida (2019) que menciona sobre o valor dado à sabedoria por Tomás de Aquino, para quem o mestre, exercendo suas funções, não cria o saber, visto que a sabedoria advém do interior, mas colabora com a

aprendizagem quando permite ao aprendiz a aquisição dos últimos conceitos. Dessa maneira, o aprendiz adquire o mérito através deste crescimento da sua própria natureza, em virtude de um incansável esforço, ao ativar suas potencialidades, compondo as inclinações externas e internas.

Todos esses elementos, que foram sendo anunciados nesse artigo II por Tomás de Aquino, vão conduzindo às conclusões. Na objeção 6 do Artigo 2, afirma: “Além disso, o mestre é causa da ciência assim como o médico da saúde, como já foi dito. Ora, o médico cura-se a si mesmo. Logo, alguém pode também ensinar-se a si mesmo” (AQUINO, 2017, p. 145). O que pode ser depreendido é que, nessa objeção, ele coloca a possibilidade de o aprendiz chegar à aprendizagem da ciência também por si mesmo, mas também evidencia o papel relevante do mestre na vida desse aprendiz. Nota-se que, na resposta a essa sexta objeção do Artigo 2, Tomás de Aquino afirma:

[...] o médico cura porque já possui a saúde, não em ato, mas no conhecimento de sua arte. O mestre, por sua vez, ensina porque possui a ciência em ato. Quem não possui a saúde em ato, tendo-a no conhecimento da arte, pode, portanto, causa-la em si mesmo. Mas é impossível que alguém, ao mesmo tempo, possua e não possua a ciência em ato para que possa ensinar a si mesmo ((AQUINO, 2017, p. 149).

Essa resposta à objeção mostra o entendimento de Tomás de Aquino ao fazer um paralelo entre o conhecimento de um médico para a cura e de um professor para o ensino, e essa afirmativa vem reforçar sua concepção de que, para ensinar, o mestre precisa possuir, em ato, o conhecimento sobre a ciência, pois é impossível um mestre ensinar a si e aos outros se ele não possui esse conhecimento. Essa preocupação de Tomás de Aquino na valorização do indivíduo é destacada por Almeida (2019), que avista uma responsabilidade desse filósofo na construção do conhecimento, bem como no desenvolvimento das capacidades humanas com a formação da consciência e da própria subjetividade humana.

Corroborando, Godoi (2013), ao analisar o pensamento de Tomás de Aquino, explica que esse filósofo considera o ensino como algo superior e leva em conta que o homem pode obter o conhecimento das coisas ignoradas por descoberta e com a ajuda de algo exterior. Nessa direção, ainda que o modo de aprendizado por descoberta seja mais perfeito pelo aprendiz, porque surge uma maior habilidade

nesse processo de aprender, mas, por aquele que causa a ciência, é mais perfeito o oriundo do ensino pois, o mestre, possuidor do conhecimento em ato, conhece a ciência e pode levar o conhecimento de uma maneira mais atenta do que aquele que conduz por si, haja vista que se orienta a partir dos princípios gerais para a construção do conhecimento.

Tomás de Aquino acolhia que o ensino e a moral não são formados pela unidade de normas que estão sobre o indivíduo humano, mas, sim, em ações determinadas, baseando-se no poder de coerção da autoridade de Deus, mas demonstra a maneira que o homem age pelas exigências da razão é determinante para chegar às conclusões da ciência, ou à aprendizagem. Nessa direção, Almeida (2019) considera que Tomás de Aquino, ao olhar para o ensino e a educação, define-os como um autêntico educar que implica a liberdade do aprendiz para a reflexão, aperfeiçoamento para que o aprendiz atinja as próprias conclusões sobre a ciência.

5.3 SOBRE OS ARTIGOS III E IV DA OBRA *DE MAGISTRO*

No artigo III, a pergunta feita por Tomás de Aquino é: “em terceiro lugar pergunta-se: se o homem pode ser ensinado por um anjo? Sua provocação é “E parece que não”. Esse Artigo traz 17 objeções e as mesmas outras seções dos anteriores. Já no artigo IV, “Ensinar é um ato da vida ativa ou da vida contemplativa?” e sua provocação é “E parece que seja um ato da vida contemplativa”.

De acordo com Felici (2007), no artigo III, Tomás de Aquino indaga se a pessoa humana pode ou não ser ensinada por um anjo, justificando como o homem pode compreender as coisas de acordo com o intelecto iluminado por Deus. Corroborando Godoi (2013) apresenta que esse terceiro artigo, referindo-se à possibilidade de o homem ser ensinado por uma criatura angélica, não consistia em um impedimento segundo o próprio filósofo. Para Corrêa (2019, p. 92), nesse artigo, Tomás está referindo que:

Existem duas maneiras de o anjo agir em relação ao homem: 1ª) ao nosso modo, no qual o anjo assume uma forma material e instrua o homem por locução sensível, não se diferenciando, portanto, do ensinamento humano;

2ª) ao seu próprio modo, qual seja, invisivelmente⁷⁵. Nessa segunda maneira é que se detém o artigo.

Assim, para Tomás de Aquino, o homem poderia ser ensinado por um ser superior à pessoa humana, um anjo, que também não ensinaria de um modo tão perfeito quanto o de Deus. Uma explicação está nesse Artigo III, em Solução (AQUINO, 2017, p. 52-53):

[...] Já o anjo, como possui naturalmente uma luz intelectual mais perfeita do que a do homem, pode ser – no âmbito daqueles dois fatores - causa do conhecimento, se bem que de modo inferior ao de Deus, mas superior ao do homem. Quanto à luz, se bem que não possa infundir a luz intelectual como o faz Deus, pode, no entanto, fortalecer a luz infusa para que o homem veja mais perfeitamente.

Dessa forma, defende que o anjo ensina, de acordo com dois modos: corroborando com a luz infusa, pois não pode infundir a luz intelectual conforme faz Deus e pelo intelecto agente do homem o anjo pode colaborar para a construção dos princípios da ciência. Nesse artigo, Tomás de Aquino faz uma comparação com o agricultor, que, não sendo criador, estimula, exteriormente, a natureza para a produção. E, assim, faz uma analogia com o papel do anjo no ensino, o qual pode estimular o intelecto humano para a construção do conhecimento.

No artigo IV, Tomás de Aquino menciona que o ato do ensino pode pertencer tanto à vida contemplativa quanto à vida ativa. Porém, mais desta que daquela. O processo do ensino é uma prática que tem como fundamento a contemplação, a busca pela verdade. No entendimento de Batista (2010, p. 95), o pensamento de Tomás de Aquino contempla essas duas vertentes da seguinte forma:

[...] a finalidade da vida ativa é a orientação da ação da existência humana no âmbito do plano terreno, material e sensível, e a finalidade da vida contemplativa, por sua vez, é a orientação da contemplação da existência humana no âmbito do plano celeste, espiritual e inteligível. O ensino, de acordo com tal perspectiva, pertence tanto a vida ativa quanto a contemplativa. Todavia pertence mais à primeira do que à segunda.

Assim, defende que a finalidade da vida contemplativa é o encontro com aquilo que é verdadeiro e o fim da vida ativa é o trabalho pastoral que se deve fazer com os mais necessitados (AQUINO, 2017). Corroborando com o entendimento, Corrêa (2019, p. 96) menciona que Tomás de Aquino refere-se à dupla matéria:

[...] uma, a própria coisa que se ensina e, outra, aquele ao qual se transmite o conhecimento. Logo, em razão da primeira matéria – a coisa que se ensina, o conteúdo –, ensinar pertence a vida contemplativa, já que se trata

de verdades, de razões; e por conta da segunda matéria – o aluno, ao qual se transmite o conhecimento –, ensinar pertence também à ativa.

No que tange às verdades contempladas, Tomás de Aquino as concebe como resultantes da vida ativa do homem, de seu trabalho e de experiências vividas, e, dessa maneira, a vida ativa precede a contemplativa. Para Cavalcante (2006, p.40), esse quarto artigo mostra que Tomás de Aquino considera o ensino como um ato da vida ativa do homem, sendo dupla a “matéria do ensino: o que ensina e a quem se ensina”, sendo “a primeira (o quê) faz parte da vida contemplativa, enquanto a segunda (a quem) faz parte da vida ativa’.

Por consequência, trazendo para a educação, entende-se que, para Tomás, o ensinar pertence tanto à vida ativa quanto à vida contemplativa. No entanto, ao observar sua colocação em Solução:

Ora, no ato de ensinar encontramos uma dupla matéria, o que se verifica até gramaticalmente pelo fato de que “ensinar” rege um duplo acusativo: ensina-se – uma matéria – a própria realidade de que trata o ensino e ensina-se – segunda matéria – alguém, a quem o conhecimento é transmitido. Em função da primeira matéria, o ato de ensinar é próprio da vida contemplativa; em função da segunda, da ativa. Porém, quanto ao fim, o ensinar é exclusivamente da vida ativa, pois sua última matéria, na qual se atinge o fim proposto, é a matéria da vida ativa. Daí que pertença mais à vida ativa do que à contemplativa, se bem que de algum modo pertença também à vida contemplativa, como dissemos (AQUINO, 2017, p. 173).

Nota-se que, embora Tomás de Aquino refira-se ao ativo e ao contemplativo do ensinar, defende que está mais na vida ativa do homem. Para Godoi (2013), a vida ativa foi apresentada por Tomás de Aquino como a dimensão prática da existência do homem, todas as suas ações; e a vida contemplativa admitida como a dimensão teórica da existência do homem, todas as teorias elaboradas, observadas ou compreendidas pelo homem.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas considerações, torna-se necessário retomar o objetivo que norteou o desenvolvimento deste estudo, que foi investigar as contribuições de Tomás de Aquino na área educacional e, para tanto, tomou-se, como fonte essencial sobre essa temática, a obra *De Magistro*, de sua autoria, composta por quatro artigos, analisando mais especificamente os dois primeiros, além de outros estudos que se referem a suas contribuições na educação.

Com base em Le Goff (1992), tornou-se possível a compreensão da importância da obra *De Magistro* de Tomás de Aquino, escrita em outro período e contexto, bem como dos aspectos dessa obra que deveriam ser observados para as análises. Vale destacar que a escolha dessa obra, como fonte primária desta investigação, deveu-se às suas características e riqueza como fonte para a determinação de aspectos apontados por Tomás de Aquino no âmbito do ensino nesse período medieval. Pode-se dizer mais, que selecionar novas fontes para estudos no âmbito da educação pode, por meio do inusitado, trazer registros inestimáveis para a área da educação.

Encontrou-se fundamentação em Chartier (1991) para a compreensão sobre a essencialidade das formas impressas e como esses textos podem ser diversamente manipulados, aprendidos e entendidos e a relevância de considerar o contexto social e cultural em que essas obras foram produzidas. Possibilitou ler, nas entrelinhas, o pensamento de Tomás de Aquino, suas ideias, a partir das apropriações de suas vivências naquele grupo social em que atuava e interagiu e de suas leituras das representações daquele grupo.

O caminho percorrido para atingir esse objetivo possibilitou transparecer, por meio de aspectos históricos, o contexto em que Tomás de Aquino nasceu e atuou e produziu suas obras, sendo considerado, pela posteridade, um filósofo e mestre, o mais importante pensador medieval, que recebeu diferenciadas formas de tratamento: Aquinate, *Doctor Angelicus*, *Doctor Communis*, Mestre, dentre outras. Constatou-se que nasceu em Rocassecca (Itália), no contexto da Baixa Idade Média, último período Medieval, período em que houve o nascimento das escolas monacais e universidades, atenção especial aos escritos de Aristóteles,

surgimentos de ordens religiosas para a caridade, momento em que as obras aristotélicas foram traduzidas pelos filósofos árabes e causaram impactos na sociedade medieval, especialmente nas universidades europeias.

Tratando das apropriações de outros escritos por Tomás de Aquino, Chartier (1991) possibilitou conhecer que seu grande interesse pelos estudos já se evidenciava em sua adolescência, visto que, aos treze anos, iniciava suas leituras das Sagradas Escrituras e, posteriormente, dos textos de Santo Agostinho, São Gregório Magno e São Jerônimo. Bastante precoce, aos 31 anos, já lecionava em Paris e escreveu a obra “Questões disputadas sobre a verdade”, na qual consta a questão 11, a *De Magistro*, além de suas outras muitas obras, que são um legado para a filosofia e outras áreas.

Ao atentar para as perspectivas colocadas pela nova história cultural para pensar outras maneiras de articulação entre o mundo social e as práticas ou as obras, Chartier (1991) auxiliou compreender que a obra *De Magistro* de Tomás de Aquino reflete suas leituras dos escritos e representações inscritas nesses textos, majoritariamente, de Aristóteles, Santo Agostinho e Sagradas Escrituras. Analisar sua obra, nessa perspectiva, possibilitou a compreensão de que, movido por ideais de construção de uma nova filosofia essencialmente baseada em Aristóteles, esse filósofo se destacou como um representante na harmonização dos escritos aristotélicos com o pensamento cristão, transformando a filosofia aristotélica, ao buscar elementos que explicassem racionalmente aspectos da fé cristã, mas em uma síntese bastante original.

A obra *De Magistro* foi escrita em um período marcante para a educação medieval, de fundação de escolas e da universidade medieval, que consistia em uma instituição consolidada em torno de professores reconhecidos como mestres e alunos discípulos em tempo e espaços diversos. Dessa forma, o tempo e o espaço social e cultural de Tomás de Aquino eram de fundação das universidades, criação das ordens mendicantes, e releitura da filosofia de Aristóteles, o que foi determinante para a transformação da Europa desse século XIII, como menciona Corrêa (2019).

Ao ser considerada como um monumento (LE GOFF, 1992), a obra *De Magistro* pode possibilitar apropriações e representações (Chartier, 1991;2002) constituídas por pesquisadores sobre as obras desse filósofo que continuam sendo disseminadas e apropriadas por outros pesquisadores. Entretanto, além da fonte primária *De Magistro*, outras fontes de estudos, artigos e dissertações, fontes secundárias, foram admitidas para refletir nesta investigação sobre as contribuições desse filósofo para a educação. Esses estudos corroboraram para o entendimento das circunstâncias e contexto em que essa obra foi produzida e consumida.

Nessas condições, a literatura sobre a temática em questão mostrou-se ainda escassa, no entanto, os sete estudos selecionados trouxeram fundamentação para aspectos que deveriam ser observados nas análises da obra *De Magistro*, o que, de certa maneira, veio facilitar o entendimento do pensamento de Tomás de Aquino ao articular todas as análises com a base teórica.

A análise da literatura revelou que três dos estudos, o de Cavalcante (2006), de Moura (2013) e de Santin e Oliveira (2019) evidenciam o pensamento tomasiano sobre a figura do mestre no ensino como aquele que direciona o aluno para a aprendizagem por possuir o conhecimento em ato. Dois outros autores, Felici (2007) e Oliveira e Bovetto (2012) mostraram a possibilidade colocada por Tomás de Aquino para o protagonismo do aprendiz no processo de ensino. Outros dois estudos, de Lauand (2012) e de Almeida (2019) discutem aspectos do pensamento tomasiano tendo, por foco, a *prudentia*, inerente às ações humanas, no primeiro, e a inteligência como auto construtora da subjetividade humana, no segundo, ambos com foco na vivência humana em sociedade.

No que se refere às análises da obra *De Magistro*, as menções de Tomás de Aquino que privilegiam o aluno expondo aspectos do ensino, são em onze objeções e em nove respostas às objeções, se forem somadas àquelas presentes no artigo I e no artigo II dessa obra. Essas objeções mostram suas ideias relativas: ao conhecimento preexistente no aluno, denominados por princípio para que esse aluno aprenda; às representações que o aprendiz possui sobre os princípios da ciência; ao aluno, que só aprende se ele transforma os princípios em conclusões; à ciência, que requer a certeza do conhecimento; à ciência, que não pode ser causada

no aluno pelo professor a menos que o aluno queira aprender; ao conhecimento certo, que advém da verdade encontrada no interior do homem, ou seja, por suas próprias conclusões; ao ensino, em que a ação deve ser atribuída mais ao aprendiz do que ao mestre e o aluno é mestre de si mesmo, orientado pelo professor; à aprendizagem, que se dá quando o aprendiz tem a certeza do conhecimento; à aprendizagem do aluno por descoberta; ao aprendiz, que pode aprender por si próprio ou orientado pelo professor; ao aluno, que pode ensinar a si mesmo.

São aspectos que denotam as considerações filosóficas de Tomás de Aquino a respeito da autonomia e do protagonismo do aluno no ensino para que ocorra a aprendizagem, o que continua presente nas respostas de Tomás de Aquino às objeções presentes tanto no artigo I quanto no artigo II na obra *De Magistro*, as quais abordam o mestre e seu papel no ensino, pode-se citar: a ciência é produto das conclusões do conhecimento dos princípios; toda aprendizagem se dá a partir de um conhecimento preexistente do aluno; o intelecto capta as intenções inteligíveis para produzir a ciência; a ciência preexiste naquele que é ensinado, não em ato, mas em potência; a sabedoria existe no aluno de duas maneiras, a infundida por Deus e a composta pelas conclusões a partir de princípios de que se tem conhecimento; a potência intelectual é comparativa e, assim, o aluno recorre a conhecimentos já consolidados para a construção de novos conhecimentos; a certeza da ciência se obtém a partir da certeza dos princípios com base na qual o aluno tira as suas conclusões sobre determinado conceito; a luz da razão, infundida por Deus, auxilia ao aluno, com orientação do professor, chegar às conclusões sobre determinado conceito da ciência; o intelecto do aluno não possui conhecimentos completos sobre determinado conceito como possui o mestre; pela luz da razão, sem o auxílio do mestre, o aluno pode chegar ao conhecimento de novos conceitos.

Nota-se que, em *De Magistro*, sobressai nessa perspectiva tomásica para o ensino, visto que as ideias filosóficas fortes de Tomás de Aquino enaltecem a razão humana e o seu funcionamento no sentido de explicar a importância do aprendiz ordenar os princípios da ciência para se chegar às conclusões, a aprendizagem. Articulando essas análises de *De Magistro*, com os estudos aventados nesta

investigação, nota-se consonância com o estudo de Felici (2007) do ponto de vista dos embates apresentados nas objeções e nas respostas às objeções que Tomás de Aquino que inferem o aprendiz como capaz de ensinar a si mesmo, portanto, sua capacidade de aprender. Para Felici (2007), o educando foi considerado por Aquino como a causa principal da educação, pois, com seu intelecto agente, consegue aprender e está em posição de equilíbrio com o mestre, bem como a relevância do conhecimento compartilhado pelo mestre e o protagonismo em seu aprendizado.

Para Tomás de Aquino, o conhecimento constitui-se em um instrumento que aproxima o homem de Deus e são instrumentos fundamentais para a sua construção, a inteligência e a prudência do aprendiz que se relaciona a atos situados no aqui e no agora. No período em que o Tomás de Aquino viveu, a religião era a fonte essencial de instrução, o que se encontra explícito em sua obra *De Magistro*. Segundo Tomás de Aquino, a fé e a razão devem estar em constante equilíbrio para as conclusões da ciência por parte do aprendiz. De sua teoria, emergiu a ideia de autodisciplina do aprendiz que deve ter iniciativa, a partir de princípios, para se chegar às conclusões, com ou sem a ajuda do mestre.

As análises da obra *De Magistro* também mostram conformidade com o pensamento tomasiano, conforme estudo de Oliveira e Bovetto (2012), sobre o hábito na formação integral humana e a aquisição desses hábitos por parte do aprendiz, aspectos do ser ensinado a pensar e agir, que possibilita chegar ao conhecimento e desenvolver seu papel na sociedade. Vale lembrar que os pensamentos de Aquino foram gestados em um momento em que a filosofia, baseada em ideias aristotélicas, admite que o aprendiz deveria ter uma formação humana integral para si e para a vivência em sociedade, obtida a ordenação dos princípios para compreender a realidade e construir a ciência.

Sob o ponto de vista de compreender a figura do mestre na vida do aprendiz, a partir das análises das objeções e respostas de Tomás de Aquino, nos artigos I e II na obra *De Magistro*, observa-se que várias são as referências feitas por esse filósofo. Evidenciam-se nas objeções: o conhecimento não pode ser transmitido; a presença dos signos no ensino; os signos sensíveis permanecem na potência sensitiva; o aluno não pode receber transfusão da ciência do mestre; o homem

apenas predispõe da ciência; só há ensino, por parte do mestre, se o aluno consegue, a partir dos princípios, chegar às suas conclusões e sua ciência passar da potência ao ato; a fala do mestre não basta por si só para a aprendizagem, sendo necessário o conhecimento em ato do mestre e os princípios do aluno.

Ainda sobre a função do mestre no ensino, em respostas às objeções presentes no Artigo I e II, as análises mostram que Tomás de Aquino também faz menção, nos seguintes termos: por meio do ensino, o mestre auxilia o aluno a elevar o conhecimento da ciência, da potência ao ato; o homem ensina exteriormente e Deus ensina interiormente infundindo a luz da razão; o mestre pode ensinar o aluno por meio do que propõe para que o aluno atinja a ciência como ela é; o intelecto agente do aluno aprende com a mediação do mestre; a mediação do mestre no ensino leva o aprendiz às suas conclusões sobre determinado conceito mais que por meio de suas observações na realidade, o que se deve ao fato de o mestre possuir o conhecimento em ato sobre a ciência; o hábito da ciência auxilia o aprendiz na construção do conhecimento; o aprendiz precisa de um motor que o instigue, que é o mestre; o mestre, embora não infunda a luz da razão no aprendiz, ao ensinar, coloca elementos que colaboram para que esse aprendiz aprenda sobre a ciência; a aprendizagem se dá mediante os princípios adquiridos e o ensino do mestre; o aprendiz aprende com o mestre; o aprendiz não aprende os princípios do mestre, mas as conclusões; o mestre conhece a ciência e conduz o aluno mais rapidamente à aprendizagem do que o próprio aluno aprender por si próprio; somente com base nos princípios adquiridos pelo aluno, ele não chega à aprendizagem, necessitando da mediação do mestre; o mestre ensina por possuir a ciência em ato.

Algumas dessas constatações, obtidas com as análises das objeções e respostas de Tomás de Aquino em *De Magistro*, sobre a função do mestre na vida do aprendiz e no ensino estão presentes nos estudos de Cavalcante (2006), Moura (2013) e Santin e Oliveira (2019). Nas conclusões de Cavalcante (2006), foram evidenciadas as contribuições de Tomás de Aquino no sentido da valorização do mestre para a aprendizagem do aluno. Sua proposta pedagógica, para a sociedade da época, era para uma formação do aluno que considerasse aspectos humanos.

No entendimento de Moura (2013), a perspectiva do pensamento tomasiano era estabelecer a relação entre quem aprende, quem ensina e o conhecimento, perspectiva essa bem além de seu tempo. E, no processo de ensino, a presença do professor é essencial para ativar a razão do aluno e, portanto, a descoberta pode ser considerada complementar ao ensino com valorização da relação mestre-aprendiz, visto que ambos impulsionam o movimento do conhecimento para a aprendizagem. Já Santin e Oliveira (2019) concluem que a condição essencial considerada por Tomás de Aquino para ser mestre era possuir um conjunto de conhecimentos para atingir a sabedoria.

As análises das objeções e respostas a essas objeções, presentes no artigo I e II, evidenciam também que a filosofia de Tomás de Aquino no livro *De Magistro* considera Deus como mestre e responsável por infundir, no aprendiz, a luz da razão. Essa onipotência divina está presente em algumas objeções: cabe a Deus ser mestre e ensinar; os sentidos não causam a ciência, mas a mente; Deus ilumina o homem concedendo-lhe a razão; só Deus pode causar a ciência interiormente, pois a ciência é causada na mente; Deus possibilita o aprendiz a aprender, purificando a mente da ignorância; Deus ensina ao transmitir ao homem a luz da razão. Tomás de Aquino também refere a Deus como agente do intelecto do aprendiz em algumas respostas às objeções: o magistério principal pertence a Deus, mas o homem também pode ser chamado de mestre; o ensino se dá, interiormente, pelo intelecto agente e Deus infunde a luz da razão; Deus conhece o que ensina ao homem, o que atribui a Deus o título de mestre.

Depreende-se, assim, que essa referência à presença de Deus agindo na razão humana, constante nessa obra de Tomás de Aquino, para que a aprendizagem ocorra, pode ser atribuída às apropriações desse filósofo das teorias cristãs que lhe antecederam, como a de Santo Agostinho, Santo Ambrósio, São Carlos Magno, Boécio, dentre outros. Vivia-se em um momento em que a tradição cristã acreditava na teoria da iluminação divina defendida por Santo Agostinho. Fazendo uma releitura original da filosofia aristotélica e da teoria agostiniana, Tomás de Aquino considera a realidade sensível e a construção do conhecimento por comparação com coisas sensíveis naturais. E, dessa maneira, o aprendiz,

mesmo tendo a razão iluminada por Deus, precisava colocá-la em exercício para a aprendizagem. O aluno necessitava, portanto, ser valorizado como indivíduo próximo a Deus, o que chegou a levar alguns pensadores a considerarem dispensável a presença do mestre, sendo que a aprendizagem ocorreria pela verdade interior. Contudo, Tomás de Aquino, pelo contrário, admitiu a presença de Deus como luz do intelecto agente do aluno e valorizou a presença do mestre na vida do aprendiz.

Observou-se, ainda no Artigo III da obra *De Magistro*, que Tomás de Aquino, em suas afirmações, sustenta que criar é somente virtude divina e fazer já está no plano das causas comuns e, assim, ensinar pode, portanto, ser atribuído tanto ao homem quanto ao anjo, um ser intermediário entre o homem e Deus. Já no Artigo IV dessa obra, a defesa foi no sentido de a vida ativa orientar a ação do homem no plano terreno, material e sensível, ao passo que a vida contemplativa orienta a vida humana no plano celeste, espiritual e inteligível.

Com base em Chartier (1991), pode-se mencionar que essas objeções e respostas de Tomás de Aquino mostram que, àquela época, ele inscreveu sua obra numa matriz cultural que não era a dos destinatários, seus contemporâneos e, assim, com o decorrer dos tempos, vem possibilitando uma pluralidade de apropriações. Pois, na atualidade, nota-se que, com o entendimento e a evolução do conhecimento humano, as análises e interpretações no âmbito da ciência vão se modificando. Desta maneira, a obra *De Magistro*, de Tomás de Aquino traz grandes contribuições para a educação, podendo ser lida e interpretada nos dias de hoje, em que se propõe o aluno como o centro do processo educativo, sendo sujeito agente de sua própria aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor deve conduzir o aluno à construção do conhecimento com base nos princípios teóricos, respeitando sua autonomia em uma educação personalizada no decorrer do processo pedagógico.

A obra *De Magistro* mostra a grande capacidade de Tomás de Aquino em ir ao encontro de tudo aquilo que se apresenta como novo, dialogar com o não congruente, procurar sua compreensão e certeza pessoal de como se dava o ensino, os papéis do mestre e do aprendiz e a relação deles com o conhecimento.

Para Tomás de Aquino, os hábitos intelectuais ou cognoscitivos originam o aprendizado. Em primeiro olhar, essa proposta de educação e ensino mostra ser menos prática e mais teórica; porém, Aquino considera o ser humano de forma integral, não definindo essa sua proposta só em proposta pragmática, mas pela dinamicidade.

No que tange às heranças deixadas pelos escritos de *De Magistro*, podem ser utilizadas na edificação de um pensamento educacional que possa se valer das reflexões filosóficas e teológicas de Tomás de Aquino, como auxílio para a formação de uma pedagogia a serviço da construção de uma educação que propicie às pessoas serem capazes da convivência em harmonia, tolerância e respeito com as diferentes ideias que existem na religião, na filosofia ou na ciência, conforme bem colocado por Batista (2010). No olhar pedagógico de Tomás de Aquino, o aluno é sujeito na construção da própria aprendizagem, configurando-se, assim, como o agente principal na educação. Nesse cenário, o professor é o agente instrumental que auxilia o aluno na construção do conhecimento e a procurar sua própria verdade ao agir livremente e se posicionar nesse processo e na sociedade.

Em suma, os questionamentos emergidos na obra adquirem a sua atualidade, respeitando motivações que se divergem e preocupações. A posição apresentada para a educação na obra *De Magistro*, embora escrita em outro período, pode ser fundamento, no momento atual, para a produção do pensamento sobre o educando como agente principal de todo o processo pedagógico; entretanto, o legado que ele deixa é que o mestre ou o professor tenha seu valor nesse processo e na aprendizagem do aluno, devendo haver um equilíbrio nos papéis desempenhados por esses dois atores. A necessidade da aprendizagem por descoberta por parte do aluno foi defendida, nessa sua obra, como complemento em um processo em que o professor deve ter sempre o conhecimento em ato, ou seja, em movimento e ação.

Tratando das limitações desta pesquisa, pode-se referir à escassez de estudos que abordam sobre contribuições de Tomás de Aquino para a educação e a necessidade de separar o eu pesquisador do eu pessoal em razão das emoções vividas e revividas no curso de Filosofia e em minha estadia no Seminário

Arquidiocesano como seminarista, quando tive a oportunidade de estudar, discutir e refletir sobre os pensamentos de filósofos cristãos e não-cristãos. Mas, essas limitações foram vencidas e pode-se dizer que essa dimensão histórico cultural dada nesta investigação a essa obra de Tomás de Aquino merece ainda atenção no âmbito da educação por parte dos pesquisadores e educadores, o que pode trazer benefícios em um momento que a sociedade contemporânea enfrenta desafios em relação à formação dos alunos para uma vida mais humanizada. Nessa perspectiva, entende-se que outras oportunidades de investigação podem ser exploradas, como a releitura de outras obras de Tomás de Aquino, cujas apropriações podem contribuir para a construção de novas representações que podem subsidiar o enfrentamento de desafios na educação para a humanização.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO. **Confissões**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Coleção Os Pensadores).
- ALMEIDA, André Boccato. Teologia e direitos humanos: um diálogo interdisciplinar entre Tomás de Aquino e Paulo Freire. **Pistis Prax**. Curitiba, v. 11, n. 1, p. 77-96, jan./abr. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/24657/23415>. Acesso em: 27 jul. 2020.
- AQUINO, Tomás de. **De Magistro**: sobre o mestre. (Questões discutidas sobre a verdade, XI). Edição bilíngue latim - português. Tradução de Felipe Denardi, 2017
- AQUINO, Tomás de. **Verdade e conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BATISTA, Gustavo Araújo. O pensamento filosófico e teológico de Santo Tomás de Aquino em seu impacto educacional e pedagógico. **Educação Unisinos**. v. 14, n. 2, p. 82-96, maio/ ago., 2010. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/viewFile/490/84>. Acesso em: 20 ago. 2019.
- CAVALCANTE, Tatyana Murer. **Aspectos educacionais da obra de Santo Tomás de Aquino no contexto escolástico-universitário do século XIII**. 2006. 134f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2006. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/252752/1/Cavalcante_TatyanaMurer_M.pdf. Acesso em: 27 jul. 2020.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 2002. 244 p.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, p. 172-191, abr. 1991. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601/10152>. Acesso em: 8 set. 2020.
- CHESTERTON, G. K. **São Tomás de Aquino e São Francisco de Assis**. São Paulo: Madras, 2012.
- CORRÊA, Lucas Lagasse. A educação no medievo e o *De Magistro* de Tomás de Aquino. **Occursus**, v. 4, n. 2, p. 77-99, 2019. Disponível em: <http://seer.uece.br/?journal=Occursus&page=article&op=view&path%5B%5D=3788>. Acesso em: 8 set. 2020.
- COTRIM, Gilberto. **História para ensino médio**: Brasil e geral. São Paulo: Saraiva, 2002.
- DE LIBERA, Alain. **A filosofia medieval**. Santo Paulo: Loyola, 1998.
- FELICI, Antônio Ilário. **O educando como protagonista na filosofia da educação de Tomás de Aquino**. 2007. 146f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2007. Disponível em:

https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96376/felici_ai_me_mar.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 27 jul. 2020.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas estado da arte. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em 17 set. 2019.

GARDEIL, Henri-Dominique. **Iniciação à filosofia de Santo Tomás de Aquino: introdução, lógica e cosmologia**. São Paulo: Paulus, 2013.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GODOI, Rodrigo Aparecido de. A concepção educacional de Tomás de Aquino: um estudo do *De Magistro*. **Theoria**. Pouso Alegre, v. 5, n. 14, p. 61-83. 2013. Disponível em: https://www.theoria.com.br/edicao14/a_concepcao_educacional_de_tomas_de_aquino.pdf. Acesso em: 27 jul. 2020.

LAUAND, Luiz Jean. Tomás de Aquino: vida e pensamento – estudo introdutório geral. In: AQUINO, Tomás de. **Verdade e conhecimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 1-80.

LAUAND, Luiz Jean. A atualidade de Tomás de Aquino. **Revista do Instituto de Humanitas Unisinos**, n.198, out. 2001. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/449-jean-lauand>. Acesso em: 27 jul. 2020.

LAUAND, Luiz Jean. Tomás de Aquino: filosofia e pedagogia. **Acta Scientiarum**. Maringá, v. 34, n. 1, p. 11-18, jan.-jun. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/270086808_Tomas_de_Aquino_filosofia_e_pedagogia/link/57a8c13d08aef20758cd0738/download. Acesso em 17 set. 2019.

LAUAND, Luiz Jean. Introdução. In: AQUINO, Santo Tomás de. **Sobre o Ensino (De Magistro) / Os Sete Pecados Capitais**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 3-22.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MONDIN, Battista. **Curso de filosofia: os filósofos do ocidente**. 6. ed. Trad.: Benôni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1981.

MOURA, Rosana Silva de. Breve estudo de uma perspectiva de educação medieval. **Revista Esboços**. Florianópolis, v. 20, n. 30, p. 141-159, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2013v20n30p141/27838>. Acesso em: 27 jul. 2020.

OERTZEN, Monica von. A unidade da alma com o corpo em Tomás de Aquino. **Reveleto**. São Paulo, v. 9, n. 15, p. 107-188, jan./jun., 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/Rafael/Desktop/23765-61415-1-SM.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

OLIVEIRA, Terezinha; BOVETO, Lais. Ensino e formação de hábitos: análise na história da educação. **Interacções**. v. 8, n. 21, p. 152-178, dez. 2012. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/1527>. Acesso em: 27 jul. 2020.

PIEPER, Josef. **Filosofia Medieval y mundo moderno**. Madrid: Rialp, 1973.

RODRIGUES, Rafael Henrique. **O conceito de vontade em De libero arbitrio**. 59f. Monografia (Bacharelado em Filosofia) - FACAPA, Pouso Alegre, 2017.

ROMANOWSKI, Joana Paulin; ENS, Romilda Teodora. As pesquisas denominadas do tipo estado da arte em educação. **Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 6, n. 19, set./dez., 2006. Disponível em: <file:///C:/Users/Rafael/Desktop/24176-44074-1-SM.pdf>. Acesso em 10 jul. 2020

RUSSELL, Bertrand. **História da filosofia ocidental**. Livro 3. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957.

SANTIN, Rafael Henrique; OLIVERA, Terezinha. A formação do mestre no século XIII: um estudo sobre a sindérese e a consciência no De Veritate de Tomás de Aquino. **Educação**. Santa Maria, v. 44, p. 1-21, jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/30682>. Acesso em: 27 jul. 2020.

SOLIMEO, Plínio Maria. **São Tomás de Aquino: padroeiro dos professores e dos estudantes universitários**. 2. ed. São Paulo: Editora Artpress, 2012.

TORREL, Jean-Pierre. **Iniciação a Santo Tomás de Aquino**. Santo Paulo: Loyola, Brasil, 1999.

VAZ, H. C. de Lima. **Escritos de Filosofia VII: raízes da modernidade**. São Paulo: Loyola, 2012.

VERGER, J. **Cultura, ensino e sociedade no ocidente nos séculos XII e XIII**. Bauru: EDUSC, 2001, p.189-190.

TERMO DE PERMISSÃO PARA PUBLICAÇÃO (cessão de direitos)

Declaro, com este Termo, permitir a publicação da dissertação de minha autoria pela Universidade do Vale do Sapucaí, em versão eletrônica e (para fins de uso exclusivamente acadêmico) a ser disponibilizada no site oficial dessa Universidade.

Título da dissertação: “Contribuições de Tomás de Aquino para a educação: um olhar da história cultural”

Autoria: Rafael Henrique Rodrigues

Por ser verdade assino o presente Termo em meu nome.

Assinatura:



Pouso Alegre, 05 de abril de 2021